



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO EM FILOSOFIA

FERNANDA GABRIELLA DE LIMA COSTA

**A TEORIA DE BYUNG-CHUL HAN SOBRE A SOCIEDADE DO CANSAÇO:
UM OLHAR ÉTICO-MORAL ACERCA DA AÇÃO HUMANA**

Recife

2023

FERNANDA GABRIELLA DE LIMA COSTA

**A TEORIA DE BYUNG-CHUL HAN SOBRE A SOCIEDADE DO CANSAÇO:
UM OLHAR ÉTICO-MORAL ACERCA DA AÇÃO HUMANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Ciências Humanas.

Linha de Pesquisa: Ética, Fundamentação Moral e Valores Humanos.

Orientador: Prof. Dr. Nilo Ribeiro Junior.

Recife

2023


FERNANDA GABRIELLA DE LIMA COSTA

**A TEORIA DE BYUNG-CHUL HAN SOBRE A SOCIEDADE DO CANSAÇO:
UM OLHAR ÉTICO-MORAL ACERCA DA AÇÃO HUMANA**


Dissertação aprovada como requisito final à obtenção do título de Mestre em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes avaliadores:

DATA: 15/09/2023


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **NILO RIBEIRO JUNIOR**
Data: 13/11/2023 18:24:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Presidente da banca: Prof. Dr. Nilo Ribeiro Junior – UNICAP

Documento assinado digitalmente
 **ERMANO RODRIGUES DO NASCIMENTO**
Data: 31/10/2023 13:59:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Avaliador Interno: Prof. Dr. Ermano Rodrigues do Nascimento – UNICAP

Documento assinado digitalmente
 **SANDRO COZZA SAYAO**
Data: 13/11/2023 17:45:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Avaliador Externo: Prof. Dr. Sandro Cozza Sayão – UFPE

Recife

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

C837t Costa, Fernanda Gabriella de Lima.
A teoria de Byung-Chul Han sobre a sociedade do cansaço:
um olhar ético-moral acerca da ação humana / Fernanda
Gabriella Lima, 2023.
78 f.

Orientador: Nilo Ribeiro Júnior.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Filosofia.
Mestrado em Filosofia, 2023.

1. Han, Byung-Chul, 1959-. 2. Liberdade. 3. Contemplação.
4. Ética - Filosofia. 5. Fadiga mental - Filosofia. I. Título.

CDU 1(HAN)

Pollyanna Alves - CRB4/1002

A teoria de Byung-Chul Han sobre a sociedade do cansaço: um olhar ético-moral acerca da ação humana. © 2023 by Fernanda Gabriella Lima is licensed under CC BY-NC-ND 4.0

Dedico este trabalho à minha família, pelo apoio e amor dedicados para que eu o construísse e o desenvolvesse. A ela a minha afetuosa gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Conexão Divina que permite a oportunidade da dádiva da vida, ao passo que presenteia com grandes escolas e mestres no caminho, tornando a missão terrena animosa e deslumbrante.

Agradeço às minhas famílias sanguínea, afetiva e incorpórea, pela experiência proporcionada em distintos momentos, todos substanciais em minha trajetória, através do poder do afeto.

Com imenso amor, agradeço à Cristina Pelizari por ser a base crucial para a inspiração ao mestrado em todos os seus contextos e experiências.

De maneira estimada, agradeço ao professor e amigo Pe. Lúcio Cirne, pelo carinho e por todas as palavras de incentivo e apreço que me motivaram substancialmente ao mundo da Filosofia.

Agradeço também à minha superior, Dr^a Isabel Almeida, que sempre com muita compreensão e afago, me possibilitou uma flexibilidade singular para a construção e feitura desta produção.

Com apreço genuíno, agradeço ao Prof. Dr. Ermano Rodrigues do Nascimento, que me deu a nutrição necessária e inspiração para adentrar neste projeto e prosseguir para o encanto singular do estudo da Filosofia.

De modo caloroso e íntegro, agradeço ao Prof. Dr. Sandro Sayão pelas palavras e indicações preciosas e essenciais ao bom progresso deste trabalho.

Com o mesmo afago, agradeço ao orientador, mestre, professor e guia, Dr. Nilo Ribeiro Junior, pela mão estendida, pelos olhos atentos, pelas comunicações preciosas pelo norte, pela edificação do afeto especial que tenho pela Filosofia e pelo combustível ao desenvolvimento do presente trabalho.

A falta de sossego, a nossa civilização desemboca numa nova barbárie. Em nenhuma época foram mais cotados os ativos, quer dizer, os desassossegados. Entre as correções necessárias que devem introduzir-se no caráter da humanidade, conta-se, portanto, uma ampla medida de fortalecimento do elemento contemplativo.

Byung-Chul Han

RESUMO

O objetivo deste trabalho é desenvolver uma reflexão acerca do pensamento do filósofo Byung-Chul Han, a respeito da contemporaneidade e mais precisamente, sobre a sociedade caracterizada como *A sociedade do cansaço* e seus excessos no tempo atual. Para isso, são apresentadas as evoluções dessa sociedade e suas consequentes complicações para um esgotamento incessante. Procuramos destacar a configuração dessa sociedade e sua aplicação num cenário de escassez do tempo, mediante o trabalho permanente e suas consequências inclusive psíquicas. Abordamos, contudo, as perspectivas restaurativas dessa sociedade cansada, através da apresentação de uma ótica do autor, voltada para a contemplação como molde de reabilitação do tempo e seus componentes meditativos. Com a certeza de que o trajeto percorrido neste trabalho nada mais é do que uma exploração analítica de uma crítica à sociedade, com o intuito de levantar questões ético-morais sobre a ação humana na contemporaneidade, numa abordagem filosófica, apresentando possíveis sinais de uma caminhada voltada ao equilíbrio social. Considerando possibilidades de superação do cansaço, mediante as situações existenciais-limite do ser humano num mundo carente de transformações.

Palavras-chave: esgotamento; desempenho; reabilitação social; liberdade; tempo.

ABSTRACT

The objective of this work is to develop a reflection on the thinking of the philosopher Byung-Chul Han, on contemporaneity and more precisely, on the society characterized as The society of tiredness and its excesses today. For this, the evolutions of this society and its consequent complications due to incessant exhaustion are presented. We seek to highlight the configuration of this society and its application in a scenario of scarce time, through permanent work and its consequences, including psychic ones. We approach, however, the restorative perspectives of this tired society, through the presentation of an author's perspective, centered on contemplation as a mold for the rehabilitation of time and its meditative components. With the certainty that the route covered in this work is nothing more than an analytical exploration of a critique of society, with the aim of raising ethical-moral questions about human action in contemporary times, in a philosophical approach, presenting possible indications of a path aiming at social balance. Considering possibilities of overcoming tiredness, through the existential limit situations of human beings in a world in need of transformations.

Keywords: exhaustion; performance; social rehabilitation; freedom; time.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.

A sociedade da negatividade em contraponto à sociedade do desempenho78

Figura 2.

A sociedade da negatividade em contraponto à sociedade do desempenho78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 SOBRE BYUNG-CHUL HAN E SUAS OBRAS	15
2.1 A apreciação da sociedade do cansaço segundo Byung-Chul Han.....	17
2.2 A análise de Byung-Chul Han nas identificações antecessoras da sociedade	20
2.2.1 Do consumo	20
2.2.2 Do risco	22
2.2.3 Da excitação	23
2.2.4 Do espetáculo	25
2.2.5 Do controle.....	26
2.2.6 Da disciplina.....	29
2.3 A análise de Byung-Chul Han na sociedade contemporânea.....	32
3 A PORMENORIZAÇÃO DA SOCIEDADE DO CANSAÇO	35
3.1 A passagem da disciplina para o desempenho vivido nas sociedades atuais	36
3.2 A decorrência do excesso de desempenho para a violência neuronal	42
3.3 A consequência da violência neuronal para o esgotamento	47
3.4 A consequência da sociedade do cansaço para a descaracterização da capacidade humana de inovação e apreciação	50
3.5 A ilusão de liberdade no desempenho como consequência da coação social.....	53
3.6 Por uma moral rumo à liberdade do indivíduo	56
4 POSSIBILIDADE DE SUPERAÇÃO DA SOCIEDADE DO CANSAÇO.....	61
4.1 O tempo e sua relevância no dia a dia	62
4.2 Possibilidade de uma movimentação de vida contemplativa através da liberdade do cansaço	65

4.3 Proposta de uma reabilitação social num aspecto ecológico para uma reflexão dos indivíduos entre si e no ambiente vivente.....	70
5 CONSIDERAÇÕES GERAIS	74
REFERÊNCIAS.....	76

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui desenvolvida segue uma abordagem sobre a concepção de Byung-Chul Han a respeito da sociedade como sendo uma sociedade do cansaço. Diante disso, tratamos da conceituação trazida pelo autor, a respeito da sociedade contemporânea e suas adversidades, frente aos impulsos desenfreados de desempenhos e produções. Assim, discorreremos o conteúdo de modo a apreciarmos a visão do filósofo nas etapas ponderadas de formulação do cansaço, junto às consequências que os excessos promovem no ser humano e seu egresso, por uma dinâmica de estabilidade nas ações cotidianas. Com essas conjecturas, fruímos das fases que o pensador dispõe, em sua compreensão da sociedade atual, para o alcance de seu olhar sobre os vários aspectos transformacionais do agir humano. Partindo desse objetivo, pretendemos alcançar, com a aplicação de uma abordagem fenomenológica, uma vista da posição da sociedade, tida como uma condição de exaustão em todos os seus âmbitos. Dissertamos nas nuances cotidianas e na evolução dos excessos que o autor toma como “excessos de desempenho”. Sendo assim, passamos por ponderações de grandes autores da filosofia e sociologia, para adentrarmos mais profundamente na compreensão da sociedade como um corpo social esgotado e sua atenuação aos excedentes de positividade. Desse modo, a fonte essencial do trabalho ressoa na perspectiva de Byung-Chul Han em que procuramos pontuar algumas referências expressivas referentes à pesquisa.

Portanto, o trabalho se desenvolveu em três partes. Num primeiro momento, então, apresentamos a crítica de alguns autores sobre a sociedade, em conjunto com a lógica do ser humano, enquanto ser em absorção dos desenvolvimentos sociais vigentes em cada tempo.

Através de uma acessibilidade ao entendimento humano, em seu desdobramento como ente societário, procuramos expor sequentemente de uma espécie de desenrolamento da sociedade do cansaço em si, por entre as relações trazidas com as sociedades atuais, em contraponto às sociedades remotas. Abordamos, em sequência, as consequências factuais das ações do sujeito, dentro do sistema capitalista, para que se despejem os infortúnios nas condutas diárias de produtividade sem descanso. Fazendo, assim, o indivíduo exerce a aplicação de uma pseudoliberalidade, e, conseqüentemente, colaborando para uma coação social. Ainda

nesse ponto, relacionamos uma compreensão ética para um sentido moral, onde o indivíduo possa obter um discernimento incipiente de absorção oportuna da liberdade, para alçar além do cansaço, uma caracterização de autonomia, frente ao domínio desse respectivo cansaço.

Num terceiro momento, destacamos um possível entendimento entre teoria e prática das possíveis respostas ao caos social nutrido pelo cansaço. Todavia, destacamos, num primeiro passo, uma possibilidade de superação da sociedade do cansaço, em que o autor demonstra por meios da obtenção da qualidade de vida e suas construções benéficas, formas de superar esse aspecto destrutivo do cansaço na sociedade. Seguindo a linha das possibilidades, temos no avanço do trabalho, uma apreciação do tempo e sua relevância no dia a dia, onde procuramos mostrar a importância e a essencialidade da escolha qualitativa do tempo, para um vislumbre de vida contemplativa, no sentido de superação do ativismo reinante e sufocante da realidade atual. Ainda, continuando a reflexão, enfatizamos que, numa possibilidade de movimentação de vida contemplativa através da liberdade do cansaço, tentamos demonstrar apreciações excepcionais de modo a poder contemplar a vida, na busca de um equilíbrio da vida ativa em relação a recepção da vida contemplativa. Para que ambos se conectem e promovam uma espécie de estabilidade nas ações individuais e repercutam práticas sociais transformadoras.

Entretanto, nossa pesquisa busca expressar e almejar um caminho de elucidações à realidade contemporânea, com suas implicações e adversidades, mas também salientando a necessidade de percepção da consciência crítica do sujeito, para que se faça possível uma reabilitação de si, a partir de si. Byung-Chul Han precisamente discorre sobre a sociedade atual com o propósito de uma reflexão ética acerca da condição do sujeito e consequentes problemas desencadeados na sociedade como um todo. Além disso, a necessidade de apresentar, um panorama contemporâneo e suas urgências, frente ao complexo meio que o indivíduo se encontra. Dessa forma, são possíveis sugestões, incentivar a consciência para impulsionar meios de suavização dos excessos, para um estímulo ao equilíbrio da vida pessoal, social ética e moralmente bem fortalecidas.

2 SOBRE BYUNG-CHUL HAN E SUAS OBRAS

Destacaremos que, no cenário da filosofia contemporânea, o filósofo sul-coreano Byung-chul Han¹ tem se destacado por suas análises críticas sobre a situação da sociedade atual. Em sua opinião, ela se caracteriza por ser uma sociedade marcada pelo desempenho e pelo ritmo frenético, que a conduz a se configurar como uma sociedade do cansaço em pleno século XXI. Em vista de fundamentar a reflexão do pensador, iremos sinalizar algumas reflexões socio-filosóficas de autores renomados de sua época, a fim de agregarmos as perspectivas, e, fazendo avançar a reflexão deste pensador, a partir do contraponto com as referidas visões.

Ainda sobre o filósofo, Byung-Chul Han nasceu em Seul, na Coreia do Sul, em 1959. Estudioso na área metalúrgica na Universidade da Coreia, abandonou a área após causar danos por uma explosão em sua própria residência, através de alguns experimentos com produtos químicos. Mudou-se para a Alemanha nos anos 80 e estudou filosofia na Universidade de Freiburg. Também estudou literatura alemã e teologia, na Universidade de Munique.

Em uma das poucas entrevistas cedidas, ele discorre sobre a sua vontade de estudar literatura. No entanto, começou a se dedicar ao estudo da filosofia e em 1994 recebeu seu título em doutorado ao explorar e defender sua tese em Martin Heidegger. Nos anos 2000, integrou o departamento de filosofia da Universidade de Basileia, onde qualificou-se plenamente. Já em 2010, tornou-se docente da Universidade de Artes e Design de Karlsruhe, aprimorando suas áreas de interesse e ensino de Filosofia dos séculos XVIII, XIX e XX, áreas de ética, filosofia social, fenomenologia, filosofia intercultural, dentre outros. Em 2021, iniciou a lecionar filosofia e estudos culturais em Berlim, lugar em que conduz um programa voltado para estudos na área filosófica.

Em sua construção profissional e acadêmica, o pensador percorre os aspectos que afetam a sociedade e aponta as inúmeras áreas de submissão não refletidas do indivíduo. Trazendo, assim, configurações e métodos objetivos que aclaram o

¹ Byung-Chul Han. Nasceu na Coreia, mas fixou-se na Alemanha, onde estudou Filosofia na Universidade de Friburgo e Literatura alemã e teologia na Universidade de Munique. Em 1994 doutorou-se com uma tese em Heidegger. É professor de filosofia e estudos culturais na Universidade de Berlim autor de inúmeros livros sobre a sociedade atual publicado pela editora Vozes." A sociedade do cansaço. 2017. Biografia do autor.

tolhimento social existente, bem como sua consequência no mundo atual. Além da perspectiva da contemporaneidade de teorias que proporcionem um direcionamento, sucessivamente, voltado às elucidações do caos amparado pelo indivíduo, por seu próprio acolhimento e servidão.

Ao partirmos dessa ornamentação da sociedade, vemos que a estrutura que envolve o estudo do filósofo se desenvolve com tamanha perspicuidade, ao passo de que, não mais havendo condições e conduções de refúgio da aflição social, a aceitação do excesso de fatores ligados à vida social contemporânea demonstra o seu dispositivo alicerçador: o cansaço.²

Nessa senda, destacamos o trajeto feito pelo cansaço, presente em todos os meios sociais da atualidade. Apontamos o alcance alucinado e carente causado por uma ideologia dominante imposta pelo poder do capital que, por sua vez, impacta a consciência do sujeito. Então, podemos refletir, a partir dos extremismos das ações diárias que se tornam uma espécie de satisfação na insatisfação de sua frustração cotidiana. Além disso, o autor nos oferece uma apreciação original e alarmante do abuso de desempenho realizado pela sociedade, onde poderemos reconhecer que, na demanda pela produtividade, para fins de captação de felicidade, liberdade e autonomia, o indivíduo faz suas próprias prisões e justificativas, na ilusão de felicidade, e, se tolhendo de produtos e serviços ditos como essenciais à vivência social. Justamente nesse delírio da liberdade, o indivíduo abandona a ideia de contemplação do descanso, ao qual Han (2017, p. 31), chama de “tédio profundo”, pois, na alucinação de autonomia, o sujeito faz-se escravo da produtividade e do desempenho, ao qual retira o hábito simples do descanso, que chega a ser importuno e toma a denominação de “tédio profundo”.

Ao apreciarmos os meios de conduta do indivíduo, o excesso de produtividade e desempenho fundamenta uma sociedade extremamente cansada, inclusive de si mesma, onde o pensador trata das doenças do século XXI, como a consequência direta da sociedade e do seu excesso de positividade. Compreendemos o trabalho a respeito da reflexão social e abordagens oportunas sobre a sociedade atual, percorrendo o pensamento comportamental e acometido pelos meios de escassez de

² Byung-Chul Han fundamenta o status da sociedade atual, dando o nome de Sociedade do cansaço. Título esse de uma de suas obras mais comentadas e apreciadas no mundo contemporâneo. A análise deste autor sobre a sociedade atual, provoca inúmeras reflexões sobre o modo de vida contemporâneo.

vida real e contemplativa, através das obras desse pensador. Na obra *A sociedade do cansaço* (2017), a reflexão se demonstra inaugural, ao ato de considerar uma contemplação às formas de atuação do indivíduo, sua expansão frenética, sua justificativa e, então, sua consequência na contemporaneidade. Vemos que não se demonstram os aspectos de felicidade e realização num corpo social frustrado, em meio a tantas metas e objetivos diários intermináveis, o que torna o indivíduo, assim, um constante instrumento de ansiedade e depressão.

Num passo adiante aos acometimentos neuronais trazidos pelo autor, se constitui na atualidade uma permanente expectativa de mudança, todavia, desfechos benéficos para essa mudança são percebidos em dificuldade, precisamente pela sociedade caminhar para um avesso alarmante de pânico e autodestruição a cada dia. Assim, a sociedade comporta-se de maneira perigosa por sua convicção ser pautada naquilo que a abate.

2.1 A apreciação da sociedade do cansaço segundo Byung-Chul Han

A palavra *cansaço* circunda a sociedade contemporânea³, onde a teoria deste pensador concerne a uma transformação de aceitação do indivíduo, como ente social, dos tolhimentos orgânicos nas múltiplas esferas, através da angústia naturalizada e das performances integradas desde o controle do corpo ao controle da mente. Nessa preocupante realidade, nos deparamos com a escassez de compreensão destas exigências, bem como as permanências de dominação para o alcance do desempenho. Tais atribuições são vistas essenciais à existência, e, nos oferece uma perspectiva de modulação prisional da sociedade, podendo ser entendida contemporaneamente pela disciplinarização ao excesso de estímulos, e, assim, ao cansaço extensivo. Ainda que esgotado, o indivíduo define uma falsa virtude e encorajamento da nutrição de uma fetichização do comportamento, expresso numa espécie de colapso social.

Nessa análise da sociedade do século XXI, se salientam identificações das sociedades antecessoras, ao passo que considera a afinidade com sociedades, como a sociedade disciplinar, descrita por Michael Foucault e a do controle, por Gilles

³ Byung-Chul Han reflete no mundo contemporâneo e concede obras que fazem jus ao pensamento reflexivo. Considerando as áreas de suas apreciações, o autor pondera análises essenciais aos dias atuais.

Deleuze, dentre outras perspectivas sociais relevantes. Contemporaneamente, o autor de *A Sociedade do Cansaço*, repercute a dimensão social em suas formas de violência neuronal⁴, ao qual expressa a transformação da sociedade onde não mais a disciplina ou o controle se percebem nos ditames do corpo social, mas sim, se evidencia uma sociedade vítima de sua própria pretensão de desempenho, resultando numa sociedade cansada, exposta, vazia e de numerosos acometimentos neuronais.

Diante dessa significação, o indivíduo percorre uma deficiência evolutiva, uma passagem temporal bacteriológica, viral e se transforma num ente efetivo de uma era desenvolvida por doenças da mente, tendo em vista um encerramento bacteriológico para um aspecto de moléstia neuronal. A violência definida por enfermidades presentes nas relações sociais antecessoras, degeneram sua permanência bacteriológica e viral com o desenvolvimento dos processos imunológicos. Através de antibióticos, se clarifica o externo e o interno. Nisso, a violência infecciosa minora, não sendo a sociedade marcada pela negatividade, contudo, a sociedade contemporânea torna-se evidenciada por seus acometimentos internos, circunscritos por ataques neuronais, soberanos na sociedade.

Em vista da situação, Byung percorre uma apreciação efetiva, apresentada como o estabelecimento de uma era abundante de adoecimentos neuronais, advindos do término de uma era bacteriológica, e, considerando esse estado moderno incapaz de exercer elementos de alteridade. Pois, atendendo a um diagnóstico de resistência das diferenças, existe uma contenção de movimentos dialéticos, promovendo uma supressão da alteridade.

De acordo com essa ideia, o autor teorizou um diagnóstico de contemporaneidade, onde se demonstra que o que estamos enfrentando não é a aceleração do tempo⁵, mas a atomização e a dispersão deste. É isso que faz com que qualquer momento pareça o mesmo momento, não havendo ritmo nem direção que nos dê sentido. O homem está vivendo em uma era de cansaço devido ao

⁴ A violência neuronal analisada por Byung-Chul Han torna-se um divisor do aspecto viral. Sendo a contemporaneidade tomada, não mais por vírus, mas sim, os acometimentos da atualidade são voltados para a parte neuronal. Visto que a parte viral se tornou, consideravelmente, amenizada pelos usos de fármacos. Han concede ao aspecto neuronal um acometimento proveniente também dos excessos de desempenhos que circundam a contemporaneidade.

⁵ Byung retrata o tempo como molde basilar da era atual em que o sujeito não mais se identifica como detentor de um tempo, mas sim, escravo e defensor da falta de tempo diferente de uma produção.

excesso de desempenho, executando um papel em face de estímulos múltiplos e infinitos. Em face desse cenário e com a eliminação de quaisquer emoções negativas, o estágio neurológico atingirá o pico com muitas afirmações, possibilidades, continuidade e permissão, levando ao sofrimento mental e à autoexploração, caindo na hiperatividade e criando uma sociedade integralmente cansada.

Sobre essa esfera, Byung (2017, p. 8) afirma que, “[...] a paisagem patológica do começado século XXI não são infecções, mas infartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas, pelo excesso de positividade”. Essa busca de sentido que se dispõe na sociedade do cansaço, reforça a ponderação do autor sobre a sociedade, onde para além da negatividade, torna-se a sociedade contemporânea cansada pelo excesso de positividade. Com isso, a condição biológica, a social e a violência neuronal, estão aliadas ao exterior, não estando mais conectadas à negatividade incomum ao sistema, entretanto, pertencem a uma violência intrínseca ao sistema. Para alcançarmos a compreensão e extensão de cansaço que a sociedade atual possui, percorreremos brevemente algumas análises da filosofia, nas diversas catalogações em que a sociedade obteve ao longo do tempo, para fins de alcançar o ponto crítico em que se especifica a sociedade atual. Esta, então, num ritmo frenético de desempenho, cansaço e tomada de excessos de estímulos positivados e incapazes de algum tipo de descanso.

Embora sua composição ontológica leve para essa condição humana, a apreciação do pensador cuida de uma constatação de que a sociedade não mais se encontra em categorias expressadas anteriormente, mas sim, dá-se relevância à consideração de que a nossa sociedade é repleta de provocações positivas e produtivas, onde analisamos, então, que a sociedade não se encontra mais em categorias remotas. Pela sua própria expansão, a sociedade se transforma e compreende que, de acordo com o cenário de cada época, a observação das comunidades anteriores serão sustento para a reflexão decorrente. Importantes contribuições foram realizadas para que hoje pudéssemos perceber a sociedade como uma sociedade do cansaço. Por isso, valorosas colaborações serão relacionadas com a personificação do pensador em questão, para a nossa sociedade.

2.2 A análise de Byung-Chul Han nas identificações antecessoras da Sociedade

Quando falamos sobre a sociedade atual, temos a compreensão de que outros panoramas foram percebidos no percurso histórico-social para que tivéssemos um conceito considerável na atualidade, dentro de suas fundamentações. Nesse sentido, ao identificar um processo de alterações de categorizações antecessoras, o filósofo sul-coreano distingue a sociedade contemporânea das precedentes, sob a ótica analítica de que o signo da positividade atual ocupa atmosferas que não mais apontavam a conjuntura das ações sociais. Entretanto, essas catalogações pregressas substanciam o discernimento comportamental humano e nos proporciona sua pertinência. Por entre as aplicações de múltiplas ponderações a respeito da sociedade, alguns conhecimentos favorecem a estruturação da obra de Byung-Chul Han. Nomes que foram essenciais ao entendimento do comportamento humano, e, traçadores de diretrizes do caminho social que aflui no nosso tempo presente.

2.2.1 Do consumo

No conceito existente de sociedade, o consumo é um ambiente constante e aparentemente confortável. Nesse sentido, o prisma social do consumo se julga de maneira sequencial do avanço capitalista e do desenvolvimento industrial, tendo seu modo de consumo justificado pela sua produção em massa. Dispõe o homem do consumo excessivo pela produção excessiva. Na obra *A sociedade do consumo*, Jean Baudrillard⁶ examina que, na medida de sua criação e expansão, o homem não se torna lúcido nem satisfeito. Ao contrário, faz-se dominado pelo consumo. Observamos que, na concepção deste autor, a sociedade acredita que a vida bem vivida se perfaz na overdose de obtenção e utilização de bens.

Em termos de bem-estar e prosperidade, a capacidade de aquisição se desencadeia numa dependência de aflição temporal, onde a necessidade de obtenção de um bem para determinado consumo, baseia o entusiasmo ou não de vida do sujeito. De modo crítico, o significado empregado ao consumo é de total

⁶ Jean Baudrillard apresenta na obra, um mundo rodeado de objetos em que estes acabam por dominar o sujeito. Assim, torna-se uma sociedade do consumo, em meio ao vício e ao fetichismo.

dependência. Tendo no reconhecimento do sujeito uma inclinação permanente na dependência do quantitativo de consumo, para ser efetuado de formas diferentes em cada indivíduo. O tratar humano varia bruscamente consoante o tipo e quantidade de consumo exercida. Baudrillard diz:

Chegamos a um ponto em que o consumo invade toda a vida, em que todas as atividades se encadeiam do mesmo modo combinatório, em que o canal das satisfações se encontra previamente traçado, hora a hora, em que o envolvimento é total, inteiramente climatizado, organizado, culturalizado (1995, p. 19).

Ao refletirmos acerca do elemento trazido por este autor, verificamos que o comportamento da compulsividade consumista é definidora dos padrões da nossa sociedade, visto que o capitalismo possui seu sistema de modo ordenado e ininterrupto, onde sua aplicabilidade intensifica a exploração, seja esta produtiva, improdutiva ou reprodutiva. Sendo assim, tem-se nessa abordagem, o sujeito como objeto da ciência do consumo, haja vista que, através desse ensaio, se torna lucrativo possuir em um mesmo ente, um objetivo de consumo e de produção.

Dessa maneira, a constância, intensidade e permanência da ordem consumista envolvente na sociedade, traz a consciência do fundamento dado ao consumo, na fragilidade que este aperfeiçoa a ilusão benéfica da exploração e estimula o indivíduo ao distúrbio coletivo que o excesso consumista provoca.

É dentro desse sentido que Byung discorre sobre o cansativo consumo que rege o indivíduo, para fins de permanência da sensação de vitalidade. Pelos meios de consumo, as necessidades de produção e absorção do capitalismo faz a sociedade descarregar em seu modo de vida uma penosa demanda por contentamento. Nas palavras dele:

Tudo se transformou numa grande e única loja comercial. A assim chamada economia sharing está transformando a cada um de nós em vendedor, sempre espreitando na busca de clientes. Nós enchemos o mundo com objetos e mercadorias com vida útil e validade cada vez menores. Essa loja de mercadorias não se distingue muito de um manicômio (2017, p. 127).

Como podemos conferir no fragmento acima, nesta sociedade, a conexão entre os aspectos de consumo distende a insensibilidade prática do sujeito para consigo, visto sua fadiga em produzir para consumir, continuamente. Dessa maneira, o objeto de troca, é o próprio consumidor.

2.2.2 Do risco

Na análise do medo social que edificou inúmeros momentos históricos de dominação do indivíduo, os riscos incluídos nas ações humanas e sua antecipação preocupante e constante, equalizam-se em todas as condutas e pensamentos, ao ponto de se fazer natural.

Apesar de ser expandido equitativamente, o medo não torna a sociedade igualmente amedrontada. Desse modo, Ulrich Beck⁷ (2011), retrata um ponto meditativo entre a evolução e o risco de exposição e destruição. Ao passo que, quanto mais se evolui, mais se expõe a novos âmbitos e seus imprevistos. Razão esta que acompanha a progressão social, contudo, também as suas atribulações. A existência dos riscos na progressão social revela o aspecto cuidadoso e devido em relação à vida e seus contextos individuais e coletivos. Nessa possibilidade, as condições gerais de existência humana estão interligadas aos riscos percebidos pela existência da própria civilização. Trazendo para a sociedade de modo inteligível e cotidiano, o risco social acha-se em todas as medidas exploratórias. Visto que os sinais perceptíveis de imoderações são identificados em todas as condições humanas, metaforicamente podemos aproximar a sociedade do risco, de Beck, ao prisma alçado nos nossos dias. Sendo o risco profundamente atual, encontra-se em todos os aspectos do corpo social, conforme conceitua Ulrich Beck (2011. p. 368) que “A incerteza produzida pela sociedade de risco expressa a acumulação de riscos – ecológicos, financeiros, militares, terroristas, bioquímicos, informacionais, com presença esmagadora hoje em nosso mundo”. Analisemos, portanto, que, nesse contexto, não estamos livres de nos tornarmos cada vez mais dominados, alienados pelo poder subjacente, ideologicamente implementado numa sociedade em que o poder econômico determina a regra do jogo. Diante de tal situação, podemos afirmar que as crises existenciais profundas da sociedade, pela lógica do risco, incisivamente nos impulsiona a enfrentar a discussão que Beck afirma:

No centro da questão estão os riscos e efeitos da modernização, que se precipitam sob a forma de ameaças à vida de plantas, animais e seres humanos. Eles já não podem – como os riscos fabris e

⁷ Ulrich Beck foi um sociólogo alemão que fundamentou a ideia de que a sociedade capitalista ocasionou fortemente as mudanças durante décadas, ao ponto que os bens coletivos se tornarem inseguros, pelos riscos, inclusive, ambientais ocorrentes.

profissionais do século XIX e na primeira metade do século XX – ser limitados geograficamente ou em função de outros grupos específicos (2010, p. 16).

Neste sentido, o cenário social de riscos abafa a produção de verdades possíveis no ensejo das responsabilidades de aprimoramento. A sociedade do risco denota uma configuração de incertezas pelo aceleração e a não quantificação das informações. Os perigos desenvolvidos pelas necessidades frenéticas da modernidade, coloca a sociedade apartada de uma possível proteção aos perigos da própria falta de tempo de qualquer prevenção. Para essa perceptibilidade, Byung-Chul Han (2017, p. 34) alude uma exposição aos riscos, de modo a racionalizar que “O imperativo expositivo leva a uma absolutização do visível e do exterior. O invisível não existe, pois não possui valor expositivo algum, não chama a atenção”. Em razão desse último, a falta de preservação que torna o sujeito exposto e em risco, eleva o risco de uma posição de exigências cada vez mais contagiosas, visto que o modo de vida se tornou necessariamente crítico para subsistir.

2.2.3 Da excitação

Em termos de falta de tempo e produtividade em excesso, as formas de estímulos possuem uma formulação cada vez voltada para a tecnologia. O percurso histórico levado para que o capitalismo alcançasse a sua configuração *high-tech*, doou aos excessos, os estímulos físicos, audiovisuais e também contraiu toda a mentalização de afastamento do arcaico. Possibilitando a novidade desenfreada e excitante. Assim sendo, o que é novo deve ser constante. A contemplação do indivíduo e suas experiências tomadas por sensações, então, tornou-se densa e subjetivamente voltada ao prazer.

Christoph Türcke⁸ aprecia o enfrentamento dos impulsos do meio tecnológico e a dependência da repressão e dominação, através do reprocesso diário e violento entre o indivíduo e a sociedade. A maneira da intensificação dos ânimos e a dependência das formas de distração ofertadas ao aprisionamento social, faz da sociedade uma espécie de progresso das falsas aparências, para que não se destitua

⁸ Christoph Türcke foi um filósofo alemão que escreveu a respeito de uma possível percepção de que a atração magnética, em suma, é percebida e excitada. De modo que aquilo que não for percebido, não chamar atenção, não será, contudo, valorado. Dessa forma, ele acompanha uma espécie de transformação da sensação em intuição.

as toxidades das demasias imagéticas de um pseudoentretimento. Diante disso, ao ultrapassar o condicionamento do corpo, compreendemos um espectro de ramificações dominadoras do todo, utilizando-se das sensações para excitar todo o empreendimento ilusório com os mecanismos de desejo.

O choque imagético não é mais foco de uma visão de mundo revolucionária especial, e sim apenas uma *forma* de intuição geral: a da sensação. Ele coloca em inquietação e fermentação elementares, resolve a moderna sociedade capitalista até seus sedimentos pré-modernos, mas de modo que com isso ele ao mesmo tempo a redefina e revivifica...pode-se resumi-lo numa palavra, quando se tem presente o quanto ela é rica em nuances: vício (Türcke, 2010, p. 231).

Podemos entender que a realidade é impactada com toda essa inquietação que a sociedade capitalista incide, sobre a necessidade de uma disciplina que atinge as condutas sociais e meios de total dependência, ao ponto de alcançar a estimulação audiovisual, além dos vícios já concretos. Converte-se em recurso indispensável de sujeição e sustentação de domínio. Essa submissão promove um fetichismo sensorial de aceitação e obediência.

Onde há abstinência perdeu-se algo que fora desejado. A energia pulsional, por meio da qual se ligou ao desejado, vagueia por todos os lados, pressiona por recolhimento; e onde ela se vincula com algo que serve como alternativa para tal, e que não se distancia tanto assim do que fora privado e desejado, mas como que se coloca em seu lugar e é tratada como se fosse esse algo, realiza-se aquilo que Freud denominou de "fetichismo" (Türcke, 2010, p. 239).

Efetivamente, não sendo o limite uma condição relevante ao sujeito, cabe a sequência de agentes motivadores de mais do mesmo, para que se apreenda um esgotamento integralizado e global, sem descanso e com inacabável perseguição de uma satisfação ideal nunca obtida.

Nessa inflação da excitação e sua disposição aos estímulos, compõe um fetiche de fixação do humano, dentro da fantasia estética do alívio que fascina, encanta e encarcera. Para essa composição, Byung-Chul Han cita na obra *Favor fechar os olhos*, da necessidade de compreendermos que,

As imagens, hoje, são construídas de tal modo que não é mais possível fechar os olhos. Ocorreu um contato entre elas e o olho, que não permite nenhuma distância contemplativa. A coação por uma vigilância e visibilidade permanente dificultam fechar os olhos (2021, p. 16).

No sentido desta afinidade entre a excitação e a escassez de descanso, inclusive o de equilíbrio visual, a existência dos resíduos patológicos desses estados de docilidade, caminham para que as análises sociais se aglutinem e desdobrem-se

na obediência do sujeito aos padrões violentos, porém silenciosos de poder. Visto que os intuitos de transformação social pelo sistema capitalista, se despejam em novas motivações de produção e servidão, torna-se a excitação, um agente palpável e que leva a sociedade cada vez mais a um estado de alucinação.

2.2.4 Do espetáculo

Nessa compreensão sobre o espetáculo na sociedade, trataremos de maneira sequencial ao desenvolvimento da sociedade, os aprisionamentos que a espetacularização alcança, junto à facilidade da extensão do controle em todos os meios de comunicação. Nesse aparato de valores e condutas das mercadorias e aparência como um todo, são completamente valorizadas nas relações sociais a compreensão de que nesse contexto em que vivemos, podemos afirmar, categoricamente, que o ter faz o ser. Sendo assim, nos deparamos com tais desafios que subjagam o homem, reificando sua condição humana e conduzindo-o a uma realidade de sub-humanidade. Por isso, a luta principal e necessária é resgatar o homem desse estado de miséria num processo de hominização, ou seja, a transformação urge por uma sociedade mais humana, mais digna e mais igualitária.

O engessamento das experiências sociais articula a maquiagem imposta ao padrão social, onde não pertencem restrições da imagem. Esta, fundamental hegemonia da classificação social e suas intolerâncias. Nisto, a tecnologia é o trunfo da contemporaneidade. Justamente por ela, o número de pessoas enquadradas da espetacularização é gigantesco, de modo que a humanidade se pauta no espetáculo, no consumo e na ficção, conforme ilustra Guy Debord⁹ (2007, p. 15): “Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação”. O espetáculo crítico trazido por este autor, constitui o pensamento daquilo que só é visto pelo ponto que é ofertado. Logo, um espetáculo em que a sociedade é medida por tudo aquilo que se consome na transmissão permissiva que o sistema oferta. Na “falsa realidade” ofertada, segundo Guy Debord (2007), o espetáculo que se conhece é tão somente uma codificação passada pelos meios de massa, tornando-se real para a sociedade. Através dos meios

⁹ Guy Debord foi um escritor francês que desenvolveu a ideia de que a aparência do ter, torna a vivência artificial. Contudo, é aceita e praticada na sociedade. Tornando tudo superficial e à mercê do espetáculo nas relações.

de excitação em que não há nenhum tipo de seletividade da necessidade do consumo, faz o modelo capitalista determinar a identidade do espetáculo como instrumento de dominação e imposição de valores na sociedade. Além disso, a imagem na sociedade de consumo e do espetáculo, assumem papel excessivo nos indivíduos, bem como no ciberespaço, dado que o atual regime hegemônico de poder, por conhecer o funcionamento da sociedade atual, tem se utilizado também das imagens para prosseguir nos regimes de controle e vigilância.

Na falta de espaços para uma desalienação do espetáculo pelo espectador, através de cenários dominantes, se tem uma falta de diálogo para que se pudesse remeter uma experiência humana de próprios gestos frente à inconsciência expressa. Nesse contexto, Byung (2019, p. 94) faz uma crítica ao afirmar que, “Onde desaparece o diálogo do palco, surge um teatro-afeto”. Nessa falta de paradoxo com a genuinidade humana, vemos que o aspecto interino do espetáculo se manifesta como uma positividade inquestionável. Assim, podemos refletir na congruência das apreciações, visto que a imagem dominante do espetáculo, molda-se na justificativa de necessidade social de sua alienação. Todavia, o pensamento levantado por Debord confere a seriedade de um retorno à consciência, para que a ideologia de consumo seja percorrida sem fundamentar uma representação dominante.

2.2.5 Do controle

Dispomos dessa movimentação da sociedade, que vem da modernidade à etapa contemporânea, e chegamos a um modelo de controle, indicada por Gilles Deleuze¹⁰ em sua obra *A sociedade do controle* (2019), onde a expansão de controle que incide na sociedade, manifesta um efeito contínuo de fluidez e preservação da manipulação, que parte do sistema disciplinar para um sistema exatamente de controle. Nesse tipo de análise social, temos meios de aprisionamento material, como regra principal do controle, que discorre numa obstinada proporção de confinamento aberto, propagada, inclusive, nos meios tecnológicos. Salienta-se a dimensão da vigilância social para muito além do sistema panóptico e sua estrutura tangível, tendo

¹⁰ Gilles Deleuze foi um filósofo francês e possui uma das obras consideradas mais relevantes ao mundo filosófico contemporâneo. Com a obra *A sociedade do controle*, Deleuze pondera que a sociedade instaura padrões comportamentais para fins de controle do comportamento coletivo.

em vista a sua disseminação se tornar consecutiva e efetiva, além de ofertada para todos.

A acessibilidade de todos ao controle social, constitui o propósito da disciplina, assim como apresenta o indivíduo, em seu contorno disciplinar, pois investe em seus poderes de controle independentes e disciplinares nas instituições. Compreendemos, assim, a facilidade de prática do poder, enquanto amplamente acessível.

Na passagem da modernidade para a contemporaneidade, se demonstra na sociedade de controle, a anuência de meios tecnológicos pelos meios entendidos como imprescindíveis ao coletivo, tendo a negatividade uma aceitação e expansão de tal forma que convergem a uma existência de positividade branda. Prontamente, nesse modo de aceitação e prática dos meios de comunicação em massa, junto à contribuição tecnológica, passou-se a romantizar a disciplina e positivar o seguimento de caminhos sociais, que culminaram na escassez de liberdade, bem como na inserção através da sujeição.

É no campo da sujeição que se desprende a negatividade, para dar margem à aceitação e não mais negação da servidão, sendo esta espontânea e preservada nos meios privados e públicos.

A defesa pelos meios de vigilância e obediência, se atualiza e acompanha a atualização tecnológica, ao ponto de incluir a vigilância nos moldes de atualização e compor as formas de submissão social. Tais inovações se conectam aos modelos já existentes, e, ampliam os mecanismos de mutações e interceptações promovidas para a nutrição das ferramentas de controle e suas propriedades de poder. Considerando a democratização dos diversos aparatos tecnológicos, se predispõem o exercício de controle de uns sobre os outros, difundindo e isolando para a entrega dos utensílios intrínsecos de dominação mútua.

Deleuze indica uma transformação social, através de um refinamento da sociedade enquanto disciplina, que a converte em controle. Para ele, o modelo de disciplina é postergado pelo advento do controle e também pela transição social.

As sociedades disciplinares são aquilo que estamos deixando pra trás, o que já não somos. Estamos entrando nas sociedades de controles, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea (Deleuze, 2019, p. 69).

Como argumentado acima, Deleuze interpreta que a escalada do controle presume a prisão ofertada. Esclarece que a diferença crucial entre a sociedade do controle e a sociedade disciplinar, está em que sociedade do controle efetuou um

redimensionamento e amplificação do amparo da sociedade disciplinar. Isto posto, podemos entender que, para Deleuze, se a sociedade disciplinar presume uma vigilância contínua que forje o comportamento humano, a sociedade do controle incorpora essa disciplinaridade e a expande. De modo que a disciplina alcança a desterritorialização e a atemporalidade. Sua dimensão é colossal e sua conceituação é impiedosa. Um compartilhamento geral e multiplicador de feitura pelos próprios meios de resolução. Tal como uma aplicabilidade compatível com a necessidade de cada parte do sistema integrante do manuseio de extensões.

O controle não é uma disciplina. Com uma estrada não se enclausuram pessoas, mas, ao fazer estradas, multiplicam-se os meios de controle. Não digo que esse seja o único objetivo das estradas, mas as pessoas podem trafegar até o infinito e livremente, sem a mínima clausura, e serem perfeitamente controladas. Esse é o nosso futuro (Deleuze, 2019, p. 67).

Os métodos de controle se baseiam num caráter modular de infindas possibilidades, dado que domina toda a substância da vida humana, através da utilização plena da tecnologia na contemporaneidade. A organização social inspira, e, conseqüentemente detém o controle da sociedade, adaptando-se da forma mais favorável, mais sujeita e mais obediente possível. Faz-se, assim, o separatismo funcional entre quem comanda e quem se submete. Tanto em homens como em mulheres, tanto em idosos quanto em crianças.

Vemos de pronto que a sociedade se torna, para além de sua submissão disciplinar, seu estado controlado e controlador. O corpo social se depreende num aprisionamento de padronização e é vigorosamente expresso na mente. Uma prisão completa do sujeito domesticado que aceita tão somente o que lhes é estipulado, com aparência altruísta e estabelecida.

Embora a construção da sociedade se permeie no controle, Byung-Chul Han (2017, p. 24) salienta que o objetivo do controle, assim como da disciplina, encontra-se superado e somado à análise da sociedade do cansaço. A partir da observação dos excessos positivos, para o filósofo, a sociedade encontra-se num montante que a define como uma sociedade superada à disciplina e ao controle. Afirma, portanto, que “Aquele conceito de sociedade do controle não dá conta de explicar aquela mudança. Ele contém sempre ainda muita negatividade”. Essa exatidão se dá pela trajetória social que, de fato, não mais vive unicamente na disciplina e em modos de controle, apesar de sua expansão. O ponto essencial da perspectiva da sociedade do cansaço, está na transformação do não para o sim. E, dentro disso, os seus excessos. Com

isso, tais consonâncias respaldam o preceito social em sua condição atual, além de reciclar os conceitos já decorridos.

2.2.6 Da disciplina

A sociedade disciplinar é uma ideia criada por Michel Foucault¹¹, para que se culmine a excelência de obediência do sujeito, alcançada na sociedade pela permanência da vigilância. Para Foucault, em uma sua obra, *Vigiar e punir*¹² (1999), no que tange a questão da disciplina, da docilização dos corpos, do adestramento social, leva o indivíduo a uma condição de submissão desenfreada, que provém das multiplicações de compostos disciplinares, através da inspiração metafórica pela difusão do sistema panóptico, de Jeremy Bentham¹³ (2019). Foucault apreende o sistema panóptico de modo a difundir socialmente essa inspiração, que acaba por aprimorar o desenho das coerções e a disciplina pela vigilância.

Ao levar para a coletividade, o sistema panóptico se faz dinâmico, intenso e factual, fazendo da sociedade a sua máquina vigilante e vigiada. Nessa consideração, ao centro da sociedade e ao seu redor, o ser humano está imbricado e implicado num processo que, conjuntamente repercute todo o aspecto de inspeção que Jeremy Bentham destaca como preocupante.

Você ficará satisfeito em observar que, embora o ponto mais importante seja, talvez, o de que as pessoas a serem inspecionadas devam sempre sentir-se como se estivessem sob inspeção, essa não é de forma alguma, a única possibilidade [...] O que é também de importância é que, para a máxima proporção de tempo possível, cada homem deve realmente estar sob inspeção. [...] Não apenas isso, mas quanto maior for a probabilidade de que uma determinada pessoa, em um determinado momento, esteja realmente sob inspeção, mais forte será a persuasão – mais intenso, se assim posso dizer, o sentimento que ele tem de estar sendo inspecionado (2008, p. 29).

¹¹ Michael Foucault foi um filósofo, historiador, teórico, filólogo que conceituou a sociedade como um corpo social disciplinado. Assim, entendia que o espaço social servia de laboratório para práticas de ensinamentos de comportamento e obediência. Fins de possibilitar o disciplinamento social.

¹² Em sua obra *Vigiar e punir*, Foucault analisa em seu capítulo 3, uma absorção do indivíduo para com a disciplina, de modo que ele chama de “docilização dos corpos”.

¹³ Jeremy Bentham foi um filósofo e jurista alemão que desenvolveu uma estrutura de penitenciária chamada de sistema panóptico (panóptico), onde a sua relevância se deu até os tempos atuais, visto o exemplo do sistema penitenciário em que há uma torre central e ao redor desta, as celas. Porém, das celas não se sabe quando está sendo vigiado. Provocando assim, uma espécie de adestramento e obediência compulsórios.

Partindo dessa crítica de Bentham, vemos em Foucault que, para além da disciplina que se encontra nas prisões, é entendido que as instituições são, de forma semelhante, meios de doutrinação para a sociedade. Ainda assim, afora as instituições, é entendido que o sistema panóptico, tendo sido um modelo de prisão em forma circular, também retrata a sociedade em suas prisões cotidianas. Nisso, captamos que o aumento de produção pelo aumento populacional, trazem uma conjuntura de adaptação do sujeito ao sistema imposto. Um adestramento. Aquilo que seria uma concessão, passa a ser uma obrigação. Assim, uma dominação efetiva.

A disciplina disseminada no sistema panóptico a torna útil para a sociedade explorada, aderindo à exploração um meio necessário de vivência coletiva. Na medida de sua modelagem, os comportamentos humanos passam a depender dos moldes do poder para entendimento de sua própria existência e habilidade de adaptação, tornando os ajustes impostos completamente indispensáveis ao agir humano. Paulatinamente, o panoptismo está em tudo, em todos os lugares e ao toque das mãos. Desprendendo-se de uma estrutura física, ele transcende a matéria e incorpora a humanidade, ramificando a disciplina e a transmutando em controle. Este, expressa a realidade prisional das disciplinas, expondo o sistema panóptico de fato em cada indivíduo e de prisão em prisão. Foucault relaciona o panóptico à docilização da sujeição voluntária e trata:

[...] ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata – do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão (1999, p. 28).

Nessa análise de edificação da sociedade, no desfecho filosófico de Michel Foucault, se refere à estrutura da submissão e as intenções de poder que são especificadas como mecanismos de adestramento, que vão desde a hierarquia de vigilância e controle, até as pormenorizadas utilizações de punições ao não cumprimento das aplicações disciplinares. Por conseguinte, o poder disciplinar exerce seu domínio sobre o corpo, normaliza e se utiliza dessa domesticação para fabricar mais do mesmo, além de produzir uma sociedade completamente envolvida pelo poder do não, através dos limites propostos.

Dentro de um aspecto negativista, a sociedade disciplinar fornece um condicionamento de condutas organizacionais de sujeição. Compreendemos uma

espécie de negatividade ao ar livre, não mais precisando das instituições para uma organização de confinamento social. Considerando ser possível e útil a domesticação de maneira expandida.

Com efeito, a proporção disciplinar da sociedade ampara a disseminação da prisão social, haja vista que as engrenagens de domínio se amplificaram numa extensão imensurável, tornando o indivíduo extensamente domesticado e vigiado.

A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente (Foucault, 1999, p. 195).

A partir do enfoque da perspectiva foucaultiana, nos atemos ao sistema disciplinar como método efetivo de normalização do não e das proibições sociais, para fins de se naturalizar o comportamento social de obediência. Entretanto, Byung-Chul Han sustenta que, para além da sociedade disciplinar, as relações de domínio se deparam com uma ultrapassagem dessa sociedade e, de maneira oposta ao enquadramento da disciplina, a sociedade contemporânea delinea o excesso de desempenho para além da obediência. Sobressai um aspecto social moderno em sua progressão analítica, tendo em vista a erupção perceptível da docilização do corpo, pertencente ao poder disciplinar, para a manipulação da mente, pertencente ao excesso de positividade. Nesse compasso, o autor da *A sociedade do cansaço* desenvolve o progresso da sociedade na anatomia das novas formas de exploração do sujeito.

Na transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho o superego acaba se positivando no eu-ideal. O superego é repressivo. Pronuncia acima de tudo proibições. Com o traço duro e cruel do dever de ordem, com o caráter da restrição árdua, da proibição cruenta, ele impera sobre o eu. Contrariamente ao superego repressivo, o eu-ideal é sedutor. O sujeito de desempenho projeta a si mesmo na linha do eu-ideal, enquanto que o sujeito de obediência se submete ao superego. Submissão e projeto são dois modos de existência bem distintos (Han, 2017, p. 100).

Como pode ser percebido nessas novas formas de proveito, as proibições dão lugar às motivações, unindo liberdade e coerção. Para essa definição, o filósofo sul-coreano analisa a que a sociedade permanece disciplinada, entretanto, com uma estirpe de autonomia. Tão somente com vestes de liberdade, o que refina as formas de controle na sociedade. Han (2017, p. 25-26) diz que, “O sujeito do desempenho

continua disciplinado”. É possível, então, compreendermos que a articulação social do controle permanece intensa, todavia, podemos expressar que a sociedade atual dispõe de um aperfeiçoamento do controle, dando a ele o poder de positivar o mesmo. Desse modo, a autoexploração se torna normal e até desejada, pretendendo, assim, a defesa pela coação social.

2.3 A análise de Byung-Chul Han na sociedade contemporânea

Em suas investigações sobre as performances da sociedade, o pensador regulou a negatividade, pela argumentação de transformação dos espaços sociais em sistemas propiciadores de acometimentos neuronais, por metas temporais em todos os aspectos articuladores de uma sociedade da positividade. Em razão da sensação de um desempenho incoerente com os fatores possíveis de liberdade, a excessividade de uma vivência constantemente tensa e a responsabilidade do bem-estar, dependem do quanto se produz algo, não contando com os moldes reais de uma vida contemplativa. Esta, já há muito abandonada e substituída pela produtividade contínua, ilimitada e global. Para alcançar o colapso social atual, a sociedade do século XXI construiu um legado de manipulação, vigilância e submissão que a sua obediência perpassa os meios mais diversos de tolhimentos. Se assegura a sua permanência num desempenho frenético de substituição da negatividade pelo excesso de positividade.

Neste sentido, verificamos que o excesso de positividade advém de um agente já obsoleto, qual seja uma espécie de imunidade social. Tendo a tecnologia no ramo biológico aprimorado e diminuído os acessos bacteriológicos e virais, sobretudo, no descobrimento de fármacos, capazes de decrescer o receio de epidemias e contágios. Assim, na contemporaneidade, tal imunologia evapora, tendo uma ilimitada escassez de alteridade.

Partindo da imunidade ausente na sociedade, o pensador direciona uma condição social inteiramente neuronal nas patologias de ordem, principalmente psíquicas. Tal condição se encontra na presença de espaços cada vez mais utilizados de atendimento de patológicos, como: depressão, TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), TPL (Transtorno de Personalidade Limítrofe), síndrome de Burnout, dentre outras, são os novos acometimentos da contemporaneidade, e, para

o autor, depreendem do excesso de positividade que desencadeia acometimentos violentos. Não sendo apenas externos e dependentes da negatividade, tampouco representantes de uma disciplina física, a condição social contemporânea, através de seu desregramento de positividade, alcança a disciplinarização da mente, com uma produção exacerbada de desempenho. O que torna o indivíduo escravo de si mesmo.

Nesse mesmo âmbito, o indivíduo adiciona uma sensação de produção contínua para obter êxito nas diversas áreas, o que o converte em prisioneiro da sua própria produtividade.

Partindo do pressuposto de que o indivíduo é dono e responsável pleno de sua felicidade e bem-estar, afirmativas de “Sim, nós podemos”, como no discurso da campanha presidencial do ex-presidente americano Barack Obama, expõem a convicção de poder do sujeito e este como autor do próprio sucesso e da própria realização. Contudo, a improbabilidade da não-inserção de limites, estabelece frustrações, produz patologias neuronais e movimenta o mundo de encaixes e padrões de sucesso e felicidade, sendo a positividade a essência principal da contemporaneidade.

Podemos verificar essa análise em Byung, por afirmar que,

As doenças psíquicas de hoje, tais como depressão, burnout, déficit de atenção ou síndrome de hiperatividade, ao contrário, não se vê a influência do processo de repressão e do processo de negação. Remetem, antes, a um excesso de positividade, portanto não estão referidas à negação, mas antes à incapacidade de dizer não, não ao não ter direito, mas ao poder-tudo (2017, p. 88).

Conquanto à noção de excessos de positividade, vê-se que a negatividade possui espaço na realidade atual, visto, contudo, a maximização do positivo, as sensações, os sentimentos, as emoções. Ações que possuem o negativo, logo são acrescidas, devido a sua incapacidade de permanência num mundo contornado de positivities.

Num corpo celeste onde não existe tão somente a sociedade disciplinar, de Foucault, a sociedade de controle, de Deleuze ou a sociedade do espetáculo de Debord, existe uma sociedade imune à bacteriologia, entretanto, com um número significativo de patologias neuronais pela overdose do desempenho. Esta demasia de desempenho constrói a sensação de liberdade, ao tomar para si a possibilidade de ser senhor de si mesmo. Havendo em sua fonte de autonomia, aspectos de repressão em

si, para fins de expandir o desempenho e a compensação dos abusos de estímulos, tornam-se causadores de instigações, e, capazes de conceber uma integridade completa das ações individuais em todas as esferas, tornando-se uma liberdade coercitiva.

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho (Han, 2017, p. 30).

Tal desempenho¹⁴ é o resultado do excesso de coerção na liberdade, todavia, este se soma aos impulsos relacionados à razão pela qual o pensador, metaforicamente, compara a vida humana contemporânea à vida selvagem, tornando o indivíduo a agir superficialmente em diversos âmbitos, entretanto, em nenhum profundamente. Dentro dessa composição, o agir humano é superficial em sua trajetória e construção. Dessa forma, além de ininterrupta produção, o indivíduo junto à falta de contemplação, atua em uma série de acúmulos de multitarefas, sem nenhuma categoria de profundidade ou descanso, possuindo vários conhecimentos, porém, todos de forma rasa. Sendo assim, vamos analisar mais ainda a questão das formas que se conectam ao entendimento da sociedade do cansaço, e, suas fundamentações pormenorizadas sobre a desarmonia que assola a sociedade contemporânea.

¹⁴ Para Byung, o excesso de desempenho desemboca num esgotamento muitas vezes permanente. Também na possibilidade de introdução de uma violência neuronal, onde as mais comuns assolam a atualidade. Tendo fármacos de controle ou diminuição das sensações, todavia, não fármacos de superação dessas sensações. O que torna os acometimentos ainda mais dominantes.

3 A PORMENORIZAÇÃO DA SOCIEDADE DO CANSAÇO

Dando prosseguimento a investigação iniciada no capítulo anterior, partimos a nossa reflexão numa discussão que nos conduz a olhar a crítica que Byung-Chul Han faz à realidade das sociedades contemporâneas, nessa perspectiva de que o cansaço e a exaustão representam uma condição complexa e desumanizante, comprometendo, contudo, radicalmente a qualidade da vida humana. Então, nossa análise segue as reflexões desenvolvidas pelo autor e com isso destacamos uma questão muito forte nas relações interpessoais, devendo, principalmente, à situação de violência da positividade específica da sociedade capitalista. Ao visar o lucro pelo lucro através da superprodução, impulsiona-se o indivíduo a viver numa falsa realidade marcada pelo fetichismo da mercadoria, do dinheiro e do capital.

Não obstante, podemos compreender que, disso decorre que a necessidade do desempenho, deflagra nas pessoas uma radical insegurança por conta da tentativa de atingir metas ambiciosas de sucesso, através do trabalho. O ponto de partida dessa consideração, é de que as sociedades atuais deixaram de ser marcadas meramente pela estruturação, que, segundo Foucault (1999) é “disciplinar”. Por isso, se dá por comprovado o excesso de negatividade. Segundo Han, significa que as atuais sociedades estão marcadas por excessos de sim¹⁴. O “sim” de forma positiva, refere-se às grandes transformações sociais, onde o “não” das autoridades, tais como professores, pais e de algumas instituições moduladoras da sociedade, perdem o poder de convencimento, pelo fato de a própria sociedade se impor como exigência para o desempenho dos indivíduos. Nesse caso, o “não” está a ceder lugar ao “sim” ao desempenho social.

Em contraposição ao que tem sido dito, é nítida a percepção de que a conduta humanista que busca preservar uma espécie de ócio como um espaço de lazer propenso à criação, acabou por ser cooptada por uma vastidão de recursos que claramente comprometem o bem-estar do desempenho. Essa visão busca obter a todo custo uma maximização da lucratividade e da superprodução, quase que ininterruptamente.

Tendo-se presente os riscos para a humanidade e as questões filosóficas que subjazem à constatação de uma sociedade marcada pelo desempenho, o próximo capítulo visa analisar pormenorizadamente a maneira como o autor descreve os

meandros dessa crise societária.

Num primeiro momento, trata-se de apresentar a maneira como o autor aborda a passagem da disciplina para o desempenho vivido nas sociedades atuais, através da reflexão do deslocamento de uma sociedade da negatividade para uma sociedade da superprodução. No segundo momento, visa-se mostrar como o desempenho acaba por desembocar numa violência neuronal, isto é, no adoecimento emocional dos indivíduos, por conta do excesso de atividades. Segundo Han (2017), essas novas doenças estão associadas a um idealismo excessivo no qual se é completamente tomado de afazeres e cumprimentos incessantes.

Em seguida, como consequência disso, trata-se de mostrar num terceiro momento que a violência neuronal progride, de maneira exponencial, para o radical esgotamento do indivíduo. Já num quarto momento pretendemos nos ater ao impacto do excesso de trabalho e de produtividade, sobre a descaracterização da capacidade humana de inovação e apreciação. Portanto, procuramos, mostrar que essa sociedade corrobora para a edificação de uma sociedade condenada à coação¹⁵, devido ao desempenho ilusoriamente libertário.

3.1 A passagem da disciplina para o desempenho vivido nas sociedades atuais

Partindo da análise deste pensador¹⁵, se apresenta na sociedade uma consequência adquirida pela superprodução, onde a concepção que se tem a capacidade de fazer tudo é algo possível. Tal concepção torna a superprodução esmagadora para o indivíduo.

Han descreve a sociedade contemporânea, de maneira diferente da sociedade descrita por outros analistas, como uma sociedade remota e ultrapassada. O ponto de partida da consideração primordial de que a sociedade não é mais a mesma relatada em outros momentos, se dá por comprovada pelo excesso de negatividade, que fora muito falado e estudado por Michel Foucault. No entanto, não é mais essa a referência plena da atual sociedade.

A sociedade contemporânea passou por transformações relevantes que

¹⁵ O agir humano aclara o estudo de Han, de maneira que ele mesmo possui o costume de analisar presencialmente o que observa na sociedade. De modo a ser extremamente descomplicada essa análise, pelo cansaço ser uma realidade estendida e constante na sociedade.

trouxeram, segundo Han, a percepção de uma sociedade estipulada por excessos de sim. O “sim” de forma positiva, refere-se à grandes transformações sociais, onde o “não” de professores, pais e de algumas instituições de modulação da sociedade, não possui tamanho e espaço como antigamente. O “não” deu lugar ao “sim”. A positividade que Byung-Chul Han referencia dá-se ao passo de causadores de inúmeros acometimentos e situações de esgotamento dos indivíduos.

De modo avassalador, a mudança na sociedade espelha o resultado caótico dos meios urbanos, onde as ordens emitidas em locais, por pessoas de referência da vida do indivíduo, deram espaço ao excesso de desempenhos e produtividades. Pois, ao fugir de uma normalidade e retirar qualquer acesso ao tempo e limites de produtividade, o indivíduo torna-se dono de sua própria destruição e sabotagem, como Han (2010, p. 23), acertadamente observa que: “A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho”.

Em consequência disso, nota-se que a sociedade de hoje é sinalizada por perturbações de cenários desregulados e excessos que não fundamenta nem comprova algum tipo de benfeitoria para os aspectos de esgotamentos, vivenciados no caos da contemporaneidade. Dessa forma em comparação com a sociedade pretérita, trazida por pensadores como Foucault, Byung-Chul Han equilibra as disfunções catastróficas da sociedade por trazer características profundamente devidas aos indivíduos. Nesse sentido, Han (2010, p. 24), faz um destaque importante, como se estivesse fazendo um alerta à sociedade e, assim, analisa que “A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados”.

Han pondera sobre os limites ocasionados no “não” da sociedade disciplinar, onde essa se choca com suas barreiras, quando se defronta com a produtividade. Assim, quando se rompe as fronteiras da negatividade, a sociedade se liberta da margem do “não” e torna-se por si só, um instrumento ilimitado de poder e dever, visto não haverem mais bloqueios de crescimento e expansão. Porém, o indivíduo não se torna liberto, de fato, da negatividade, mas pode-se tornar disciplinado e em seguida produtivo, ganhando a sensação de liberdade para fins de produção integral. Percebe-

se que, a produtividade permanece existente, contudo, sem limites da negatividade, alcançando, assim, um estágio de amplitude e propagação absoluto.

Não obstante, Han (2010, p. 26) desenvolve atributos advindos da análise de Alain Ehrenberg, a respeito de um princípio explorado na construção do excesso de desempenho que ocasiona o esgotamento, onde pontua que “o depressivo não está cheio, no limite, mas está esgotado pelo esforço de ter de ser ele mesmo”.

Sendo uma espécie de confissão neuronal, a repulsividade do indivíduo em ter que sair da negatividade e estar consigo, para atender à produtividade já ilimitada, causa uma espécie de ruptura do bem-estar e se encaminha para acometimentos neuronais, além de consequências na qualidade de vida como um todo. A partir dessa compreensão, se faz presente a ideia de que o esgotamento é algo terminantemente existente. Não se retira, contudo, a disciplinaridade social em cumprir determinados comportamentos oriundos da negatividade, mas sim, aditando o modelo social negativo para um modelo social estritamente positivo. Em razão disto, o indivíduo, chamado por Han de “sujeito”, infere-se senhor e soberano de si¹⁶.

Byung-Chul Han correlaciona a sociedade contemporânea de sua análise do cansaço com a sociedade disciplinar, ponderada por Michel Foucault, através da obra *Vigiar e Punir* (1999). Para Foucault, a sociedade disciplinar retrata de maneira significativa o modo das prisões e a generalização dos mecanismos do poder disciplinar na sociedade. Também para Foucault, o conceito de disciplina se faz integralmente como um adestramento dos indivíduos para adquirir, assim, um controle totalitário.

Na perspectiva da análise social, quanto à forma de existência da contemporaneidade, Byung-Chul Han apresenta uma interpretação de que,

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção (2010, p. 23).

Dentro desta análise do autor, traça-se um modo de atuação do poder na sociedade, onde este poder não se localiza numa única instituição ou indivíduo. Mas

¹⁶ A partir da sensação de liberdade vivida pelo indivíduo, este não atenta à ilusão que essa liberdade atual concede. Visto que as horas de trabalho foram dispersadas e a facilidade de ser o dono de algo aumentou, o sistema doa a ideia de liberdade para mais coação.

sim, o poder é difundido na sociedade, que passa a identificação de que o poder não provém de uma única fonte, porque o mesmo acha-se espalhado em todos os atores sociais.

Assim sendo, o poder não se mostra absolutamente repressivo, todavia, positivo, o que supre o entendimento de um poder disciplinar. Tal poder é visto em todas as instituições, levando consigo a noção de ampliação da prisão, que se entende estar em toda parte. Para Foucault, o indivíduo é visto como um prisioneiro em sua liberdade, através da negação, do tolhimento de seus atos em todas as instituições e esferas da sociedade.

Podemos destacar também, o que pensa Nilo Ribeiro (2023, p. 42) a partir da análise sobre o niilismo e a anarquia de outrem, que é possível ver tal contexto marcado profundamente por uma “[...] crítica à ideologia e aos totalitarismos dependentes do Espírito uma vez que não se reconhece a real para além da razão, qualquer possibilidade de ele se revelar na diferença que o constitui”.

Metaforicamente, a transformação da sociedade em corpos dóceis e devotos de uma disciplina mecanizada e estruturada, a fim de sujeitar os indivíduos aos gestos e posições aperfeiçoadas a um certo tipo de controle, utilização e construção. Dessa forma, Foucault alude, pontualmente que:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (1987, p. 164).

A perspectiva de Michel Foucault abarca os meios sociais e seus corpos dóceis, vindos das instituições e formas de condução dos indivíduos, com o intuito de uma espécie de padronização das ações sociais. Por meio da negatividade, se encontram as formas mais diretas e práticas de punições. Estas, não mais apenas no campo material, todavia, ao alcance cognitivo e involuntário, ao ponto de tornarem-se espontâneas e definidas.

A sociedade disciplinar, conforme Foucault (1999, p. 148) descreve o “sujeito da obediência” como aquele determinado pela negatividade e proibição.

Esta sociedade disciplinar possui um dever ao negativo, e, através da negação,

impõe-se a coerção. Por consequência, ao passo que as punições transpassam o físico e alcançam os meios sociais, através da transcendência dos corpos martirizados para uma sociedade disciplinar, tem-se na estrutura integrada de Foucault, uma obediência gravada no próprio indivíduo, com dominações expansivas e expostas, ao qual compulsoriamente torna-o livre em sua prisão incomensurável.

Chul Han considera esse movimento de modo a assentar:

A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição. O verbo modal negativo que a domina é o não-ter-o-direito. Também ao dever inere uma negatividade, a negatividade da coerção (2017, p. 42).

Para uma constituição de obediência, a sociedade disciplinar disposta por Foucault, utilizou formas de execuções de controle, para fins de facilitação do entendimento funcional e exercícios de predominância eficientes, na conduta dos corpos. Por essa razão, a estrutura da submissão e as intenções de poder, são especificadas com mecanismos de adestramento, que vão desde a hierarquia da vigilância e do controle, até as pormenorizadas utilizações de punições ao não cumprimento das aplicações disciplinares.

Nessa perspectiva, o poder disciplinar, então, exercendo seu domínio sobre o corpo, normaliza e se utiliza dessa domesticação para fabricar mais do mesmo, além de produzir uma sociedade completamente envolvida pela negatividade.

Dentro do aspecto negativista, Foucault argumenta que a sociedade disciplinar fornece um condicionamento que abarca as instituições, pois, possui uma lógica de condutas organizacionais de sujeição dos corpos.

Diante da condição da sociedade antecessora e seus aspectos de disciplinarização, Chul Han analisa a sociedade de maneira a apreciar a disciplina de Foucault como algo ultrapassado¹⁷. Visto a sociedade contemporânea ter expandido os meios disciplinares negativistas e tendo alcançado moldes de sociedade em que já não subordina o indivíduo. Este já sobrecarregado de excessos de desempenho para

¹⁷ O livro *Vigiar e punir* de Michel Foucault é um dos grandes pontos de reflexão de Byung-Chul Han, para construção da análise social e denominação de Sociedade do cansaço. Han reflete em Foucault de modo a trazer disciplina como algo nutridor para que se entenda a mudança social, de saída do não para os excessos de sim. Han tem na sociedade disciplinar e suas etapas de docilização dos corpos, uma apreciação profunda, tanto à continuidade do panóptico, quanto à continuidade da própria sociedade disciplinar. Todavia, esta última não mais contida na negatividade, mas sim, vigente nos excessos de positividade.

a sua dominação positiva.

Neste sentido, Chul Han categoriza a distinção entre a sociedade disciplinar e a sociedade do desempenho:

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de fitness, prédios e escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho (2017, p. 23).

Destarte, Byung-Chul Han adere ao desempenho da contemporaneidade como forma intrínseca de ultrapassagem da sociedade disciplinar, trazida por Foucault, tendo na sociedade do século XXI uma transformação social em que a obediência passou a ter aspectos de positividade excessivas, na prática da produção e do desempenho.

Métodos de disciplinarização foram normalizados de maneira que a sua relevância passou a ser arcaica no corpo social, conforme a sociedade disciplinar foi tornando-se ultrapassada em sua extensão, composta pela negatividade e regida na disciplina. Visto que, a busca por desempenho em seu caráter positivo excessivo, fez do não, a motivação para o sim.

Logo, Byung-Chul Han (2017) sustenta que, para além da sociedade disciplinar, cuja ação se encontrava erigida, de modo a ser exercida sobre os corpos sociais, compõem-se relações de domínio onde o indivíduo se depara com uma ultrapassagem dessa sociedade, e, de maneira oposta ao enquadramento disciplinar, a sociedade contemporânea delinea o “excesso de desempenho” para além da obediência.

Isto posto, sobressai a progressão analítica e perceptível da docilização do corpo, onde o poder disciplinar pertence, categoricamente, ao excesso positivo. Este, conseqüente da autoexploração.

Ainda assim, transcorremos em Han que a sociedade disciplinar não se torna efetivamente transcorrida, contudo, há tão somente a continuidade que detém de modo a elevar a produtividade, entretanto, o desempenho não cancela a disciplina.

Devidamente, Byung-Chul Han atesta que,

O sujeito do desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito do desempenho continua disciplinando. Ele tem atrás de si o estágio

disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade (2017, p. 26).

Partindo da análise de Michel Foucault, tem-se a sociedade completamente disciplinada e obediente, o que não muda na contemporaneidade, através da apreciação de Byung-Chul Han. Entretanto, as formas de coerção ganharam excessos de positividade e espaços ilimitados. Estão além das instituições e além da negatividade, o que torna, para Han, o sujeito contemporâneo senhor e soberano de si mesmo. Dispondo em si da analogia caótica da liberdade e da sujeição.

3.2 A decorrência do excesso de desempenho para a violência neuronal

Há de se enfatizar nesse item que, segundo o autor, o século XXI é munido pelo aparecimento de novas doenças, de modo que o problema neuronal¹⁸ tende a aumentar exponencialmente, tendo em vista um idealismo excessivo onde se é completamente tomado de afazeres e cumprimentos incessantes. Nesse aspecto de desempenho, segundo Han, se expressa uma transformação da sociedade onde não mais a disciplina ou o controle se percebe nos ditames do corpo social, mas sim, se evidencia uma sociedade vítima de sua própria pretensão de desempenho, resultando numa sociedade cansada, exposta, vazia e de numerosos acometimentos neuronais.

Visto isso, o sujeito em sua deficiência evolutiva, ultrapassa a passagem temporal viral e se transmuta num sujeito efetivamente desenvolvido por doenças mentais. Han contempla um final bacteriológico para um indício de moléstia neuronal. Assim, a violência definida por enfermidades presentes nas relações sociais antecessoras, degeneram sua permanência bacteriológica e viral com o desenvolvimento dos processos imunológicos.

Conforme se faz presente na obra de Byung-Chul Han, a violência infecciosa

¹⁸ A violência neuronal possui um papel delicado na análise de Byung-Chul Han, pois parte de contextos em que o diagnóstico é extremamente íntimo e reservado, em maioria. Contudo, o autor não enquadra as doenças neuronais como foco estrito da superprodução, mas sim, que acometimentos neuronais tem se mostrado violentamente conectados aos excessos de desempenho e superprodução. Visto que, o desempenho ultrapassa, muitas vezes, a esfera laboral e alcança o curto tempo de recuperação para mais trabalho. Assim, períodos diários de recuperação apenas são paliativos para mais desempenho. Isso vai desde o trabalho até a enxurrada de informações digitais. Pela falta de descanso, a violência neuronal tem se apresentado muito mais saliente.

minora, não sendo mais um aspecto da sociedade, tão-somente marcada pela negatividade. Contudo, a sociedade contemporânea torna-se evidenciada por seus acometimentos psíquicos, circunscritos por ataques neuronais, soberanos entre os indivíduos.

Nesse ínterim, Byung-Chul Han analogicamente perpassa uma apreciação efetiva apresentada como o estabelecimento de uma era abundante de adoecimentos neuronais, advindos do término de uma era bacteriológica e considerando esse estado moderno incapaz de exercer elementos de alteridade.

Atendendo a um diagnóstico de resistência das diferenças, existe uma contenção de movimentos dialéticos, promovendo uma supressão da alteridade. Por conseguinte, Han teorizou um diagnóstico onde se demonstra que o que estamos enfrentando não é a aceleração do tempo, mas a atomização e a dispersão deste. É isso que faz com que qualquer momento pareça o mesmo momento. Não há ritmo nem direção que nos dê sentido. Logo, o autor pondera:

Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal. Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas enfartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade (Han, 2017, p. 8).

Diante dessa ótica, a análise a respeito da sociedade contemporânea onde o autor trata de uma transição social, em que se sobressai de uma época de liberdade coercitiva, e, se ampara numa época em que se é senhor de si mesmo, também se é escravo de si e da competência inalcançável de conclusões e benefícios plenos. Mediante isso, se faz efetiva a impossibilidade de plenitude entre os excessos de produção que são incessantes e incontroláveis.

Vemos que o sujeito, segundo Han, se desprende da obediência e torna-se ilusoriamente livre, pois torna-se obediente a si mesmo, dentro de uma necessidade de desempenho sem limites e sem descanso, o que denota num esgotamento permanente e contínuo. Ainda convém lembrarmos que, do ponto de análise e reflexão do autor, à época dos escritos sobre a sociedade do cansaço, não havia sequer probabilidade de uma época pandêmica. Contudo, Han analisou a sociedade para além de pessoas possuintes de acometimentos bacteriológicos. Visto o avanço

científico em época de seu estudo, a preocupação global não era pandêmica, mas sim, uma observação em que não se tinha mais uma etapa bacteriológica ou viral, porém, neuronal. Uma vez que os antibióticos foram imersos na sociedade e absorvidos no campo popular. Dessa forma, a apreciação se depreende no aspecto de agressão neuronal, existente na perspectiva patológica contemporânea.

Pelos aspectos que Han articula, podemos entender que o envolvimento neuronal vai muito além da sociedade disciplinar de Michel Foucault, pois o investimento de tempo, esforço e possível colapso em consequência é inevitável. Se antes o sujeito tinha períodos de entrada e saída em sua função, hoje há a intenção de inspirar satisfação na compulsão de uma compensação coercitiva que fora desencadeada. Logo, o indivíduo se cobra e se culpa de um desenvolvimento de si, por atuações extremamente perigosas, por serem incertas e inalcançáveis. Assim, Han vê a violência neuronal como um panorama patológico do século XXI (p. 8), haja vista serem processos distintos do tempo em que as sociedades eram acometidas por bactérias e vírus, concebendo uma condição neuronal terminantemente violenta.

Levando em consideração esses aspectos, expomos que, segundo Han, na sociedade disciplinar, o lado de dentro e o lado de fora estavam bem estipulados. As fronteiras culturais e éticas estavam estabelecidas, ou seja, o que era amigo e o que era inimigo estava nítido. O que era nacional e o que era estrangeiro estava explícito. A diferença entre um corpo saudável e um corpo doente estava bastante claro. Dessa forma, através da sociedade disciplinar, as barreiras, muros e fronteiras estavam bem demarcados. Estavam acentuadas as formas de alteridade, que possui crucial essência na estranheza, conforme Han profere que

Pela defesa, afasta-se tudo que é estranho. O objeto da defesa imunológica é a estranheza como tal. Mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, mesmo que ele não represente nenhum perigo, é eliminado em virtude de sua alteridade (2017, p. 8, 9).

Logo, nos últimos anos, com o avanço do neoliberalismo no pós guerra fria, no processo de globalização, que possui sua expressão econômica intencionalmente livre de fronteiras, não mais se desenha o que é amigo e inimigo. O que é negativo e positivo. Fronteiras entre o que é negativo e o que é positivo se desfazem e a forte dinâmica do capitalismo passa a mercantilizar, ou seja, tornar tudo comercial, diluindo, assim, toda e qualquer barreira, bem como dinamizando o jeito, a forma e o comportamento. Não existindo, assim, o negativo e o positivo, o dentro e o fora. O

convívio e a erosão do público com o privado, bom-senso e a verdade. Limites e expedientes corroem as relações para um novo tempo econômico, financeiro e comportamental. Visto que, ao longo do século XX, a presença de doenças, como a depressão, síndrome de Burnout, TDAH, dentre outras, nunca foram tão faladas e pesquisadas, ao ponto de serem normalizadas dentro de sua generalização e suposta naturalidade.

Outro fator existente e de suma importância para a análise feita por Byung, a respeito da violência neuronal, é a ótica da transformação da violência social do aspecto da negatividade para o aspecto da positividade. O positivo não se caracteriza como um ponto sadio e de relevância solucionadora para a problemática da sociedade, frente a uma negatividade de diretrizes retidas na vigilância e no adestramento. Outrossim, a positividade disposta por Han, evidencia a violência positiva e motivadora, conjuntamente dos espaços neuronais de acometimentos diversos das doenças tratadas na contemporaneidade. Não mais nos aspectos bacteriológicos e virais, mas sim, do ponto de vista neuronal.

Em virtude disso, Chul Han identifica:

O desaparecimento da alteridade significa que vivemos numa época pobre de negatividades. É bem verdade que os adoecimentos neuronais do século XXI seguem, por seu turno, sua dialética, não a dialética da negatividade, mas a da positividade. São estados patológicos devido a um exagero de positividade (2010, p. 14).

A violência neuronal, conforme o autor trata, começa com o excesso do bem. Han discorre que a violência neuronal é constatada pela positividade do sujeito, que se vê em ações como superprodução, alta eficiência, além da facilidade de comunicação atual, também uma alta comunicação por meio de plataformas digitais. Portanto, diferentemente da violência viral que se caracterizou pela indiferença, em conflito com a positividade, a violência neuronal exige um grande esforço do sujeito para exigir mais de si mesmo, deixando-o absolutamente cansado. Em adição, o sujeito também não pode se permitir falhar, subindo, assim, o caminho à beira da decadência e colapso mental (Han, 2010).

Han pondera essas exigências de eficiência e sucesso como correlação às sequelas aparentemente não observadas em tempo antecessor, porém, se enfatiza numa forma de disseminação do transtorno mental humano. Isto posto, as patologias que acumulam em sensações de fracasso ou insucesso da pessoa moderna, preparam

para a produção de inúmeros sofrimentos psicológicos, decorrentes da carga excessiva, motivada pelo desempenho desenvolvido no novo modelo de condição social pós-moderna. Desse modo, pessoas cansadas, fracassadas e deprimidas, manifestam patologias fundamentais e representativas de fracasso do homem pós-moderno. Como bem aprecia Byung-Chul Han, tais constatações levam a uma sociedade dopante, que produz “desempenho sem desempenho” (2017, p. 69).

Nessa oportunidade, o autor exprime o reconhecimento de que, no excesso de desempenho acontece uma autoexploração. Sendo assim, mais eficaz do que outros moldes sociais, pois está associado a uma sensação de liberdade. Por conseguinte, o explorador está ao mesmo tempo sendo explorado. O agressor e a vítima não podem mais serem separados. Essa expressão revela uma liberdade paradoxal que devido às estruturas coercitivas nela encontradas, se transforma em violência. Conforme Han (2015, p. 30), especifica que, “as doenças mentais da sociedade do trabalho são manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal”.

Dentro deste aspecto de exaustão e debilidade, observamos que o autor repercute contemporaneamente na dimensão social em suas formas de violência neuronal, ao qual expressa a transformação da sociedade que não é mais disciplinada ou controlada, e, se percebe nos ditames do corpo social como uma sociedade vítima de sua própria pretensão de desempenho. Esse resultado realista da sociedade fundamenta o corpo social cansado, exposto, vazio e de numerosos acometimentos neuronais.

Com efeito, de acordo com a proposta de apreciação dessa realidade, Han depreende que, com a eliminação de quaisquer emoções negativas, o estágio neurológico atingirá o pico com muitas afirmações, possibilidades, continuidade e permissão, levando ao sofrimento mental e à autoexploração, caindo na hiperatividade e criando uma sociedade cada vez mais cansada.

O autor pondera a sociedade ocidental designada para além da negatividade, tornando a sociedade contemporânea cansada pelo excesso de positividade. Com isso, a condição biológica, a sociedade e a violência neuronal, estão aliadas ao exterior, não estando mais conectadas à negatividade incomum ao sistema, entretanto, pertencem a uma violência intrínseca ao sistema.

Para alcançar a compreensão e extensão de cansaço que a sociedade atual possui, percorremos com Byung-Chul Han as análises da filosofia nas diversas

catalogações que a sociedade obteve ao longo do tempo, para fins de alcançar o ponto crítico em que se especifica na sociedade atual. Esta, num ritmo frenético de desempenho e cansaço.

Paulatinamente, se tem na abordagem haniana, a respeito das vivências sociais, uma espécie de remontagem da fatalidade da sobrevivência social, numa época de violência neuronal e incitamento de positividade. De modo a encerrar os espaços de quaisquer possibilidades de saída do controle disciplinar. Ao contrário, sua expansão fora substancializada e compreendida como necessária à contemporaneidade. Destarte, Han objeta uma sociedade que não está mais feliz ou evoluída, apenas exausta e serva da overdose de informações e deveres.

3.3 A consequência da violência neuronal para o esgotamento

A despeito dessa etapa em questão e para evidenciarmos os excessos nutridores da violência neuronal, Byung alcança uma transformação positivamente repressiva, pois o descanso já não aparece na vida do indivíduo contemporâneo, nem a negatividade se faz em evidência. No entanto, a positividade torna-se uma busca de pleno desempenho, ocupando todo o espaço referente à condução humana social. Já não há tempo para pensar no tempo, com todas as suas inquietações e acumulações.

Ao movimentarmos a ideia de sociedade em seus sinais de demasia, alcançamos uma esfera de grande repercussão e divisão entre as áreas sociais, a de que tratamos nesse tempo de uma violência intrínseca ao próprio sistema (p.20). Com isso, a violência neuronal já não se encontra num processo de associação à negatividade, visto que esta relação já é diretamente conectada ao modo operacional do capitalismo contemporâneo. Sendo, pois, essa violência seguida de uma transformação de aceitação do indivíduo, como ente social, dos tolhimentos orgânicos nas múltiplas esferas.

Através da angústia, esta naturalizada nas performances integradas no controle do corpo, ao controle da mente, Han desenvolve uma escassez de compreensão dessa situação profundamente permanente, bem como a retenção de dominação do sujeito para o alcance do desempenho, atribuídas como essenciais à existência. Destarte, Han alude:

A violência neuronal não parte mais de uma negatividade estranha ao sistema. É antes uma violência sistêmica, isto é, uma violência imanente ao sistema. Tanto a depressão quanto o TDAH ou a SB apontam para um excesso de positividade. A SB é uma queima do eu por superaquecimento, devido a um excesso do igual. O hiper da hiperatividade não é uma categoria imunológica, representa apenas uma massificação do positivo (p. 20-21).

Partindo dessa observação, o autor percorre essa violência neuronal como não sendo mais anormal, pois ela é estabelecida por um bem que se torna em excesso, o da superprodução. Tal bem se destaca por pequenos infartos e integram doenças neuronais. Estas, constatadas pela positividade excessiva do indivíduo. Assim, o excesso de trabalho e a imposição de outras tarefas durante o tempo livre, tornam-se violentas para o corpo e para a mente.

A apreciação do autor nos demonstra que o período social, como o resultado de um "infarto positivo" (2015) fora causado por pressão social e levado à proliferação de acometimentos que demonstram o modelo de nocividade do início do século XXI. Tendo em vista o excesso de positividade, não se possui uma negatividade existente pela alteridade, contudo, estímulos esmiuçados e fatigantes, geradores de uma absoluta agressão neuronal. Efetivamente, os discursos de positividade são marcados por comunicações estritamente positivas, bem como por metas a serem atingidas. O indivíduo, então, dispõe de um objetivo espontâneo em alcançar os propósitos estabelecidos, criando na sociedade atual, a produtividade como norte.

Por meio desta produtividade, ao passo que a violência neuronal já se encontra estabelecida e normalizada, temos substancialmente em Chul Han, uma sociedade com uma comunidade cansada de si e transparente para o excesso de positividade. Não havendo, portanto, espaços para observações acerca do imposto, mas sim, uma aceitação breve por meio de coação positiva e uma transparência uniformizada. Nessa perspectiva, o autor detém uma crítica notável a respeito da sociedade, enquanto esfera excessivamente positiva, onde o modo de vida foi padronizado e é motivado pelos seus participantes, através de agressões neuronais e regularização do esgotamento.

Han pondera que todos esses excessos são impostos pelo próprio homem, que é senhor e escravo de si. O resultado inevitável são os sinais de cansaço enviados pelo corpo e pela mente. No entanto, quando esses sintomas aparecem, medicamentos que reduzem a resposta do corpo começam a funcionar, sendo os

antidepressivos os mais comuns. Nesse sentido, o doping se torna mais uma ferramenta de apoio a uma sociedade cansada. Essa é uma observação proeminente apontada por Byung, pois, se o indivíduo for capaz de se deixar sozinho, não restará mais nada, apenas ele mesmo, único, sozinho, em fadiga mental, voltada para o sofrimento e a solidão. Tais decorrências produzidas pela violência da busca incessante da superprodução. Logo, o autor sugere que muitas vezes os benefícios e sucesso que não podem ser alcançados, provoquem doenças neuronais que levam à fadiga e decorrem da necessidade do constante êxito.

Assim sendo, a escravização corpórea e mental nunca foi tão evidente e tão justificada. Antagônicos que se aderem e transformam-se numa ampla justificativa de compensação das ações exaustivas e ininterruptas de desempenho, geradores de um cansaço inquietante e absolutamente permitido.

Por conseguinte, a transmutação de uma esfera neuronal violenta para a ratificação do esgotamento social, extrai do poder um dever de ser, guiando o aprimoramento do indivíduo para um excesso de autoexploração, em vista de uma pseudoliberalidade. Nesse sentido, a autoexploração concede um excesso de estímulos para que se alcance o desempenho dos copiosos espaços presentes na sociedade. Ainda assim, o cansaço é sancionado, através do excesso de positividade e a produção de múltiplas tarefas, o que impossibilita uma contemplação e uma profundidade em todos os âmbitos da sociedade. Ao contrário, se justifica a consequência do esgotamento. Nas palavras do autor temos a perspectiva de que,

A coação de desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. É visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si até sucumbir. Sofre um colapso psíquico [...] O sujeito do desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem (Han, 2017, p. 85-86).

Isso posto, se tem na abordagem de Chul Han, a respeito das vivências sociais, uma espécie de remontagem da fatalidade da sobrevivência social, numa época de violência neuronal e incitamento de positividade extrema. De modo a encerrar os espaços de quaisquer possibilidades de saída do controle de desempenho desregrado, os riscos de normalização dessa violência neuronal impõem um sofrimento descartável e silenciosamente barulhento em nosso meio. De modo terrífico, tal expansão fora substancializada e compreendida como necessária à contemporaneidade.

3.4 A consequência da sociedade do cansaço para a descaracterização da capacidade humana de inovação e apreciação

Neste aspecto decorrente de uma sociedade cansada por excessos de desempenhos, bem como uma sociedade excessivamente positiva e violentada neurologicamente, se torna uma consequência a incapacidade do indivíduo em meio à acometida forma de condução humana. Com esse diagnóstico, Byung-Chul Han (2017, p. 76), descreve a conjuntura como “o esgotamento não da energia positiva, mas de qualquer coisa, que faz com que nada aconteça”. Assim, o cansaço que vem do excesso de trabalho e da produtividade, por sua vez, rouba da pessoa a capacidade de inovar.

No tocante à ideia de excessos empreendida por Han, a ausência de profundidade se torna evidente, perdendo a sociedade o aprofundamento contemplativo do ser humano. Os sujeitos solidam uma atenção ampla, no entanto, superficial. Sabendo insuficientemente de tudo e nada profundamente.

Nessa perspectiva, Han (2017, p. 37) expressa Nietzsche, ao criticar a hiperatividade afirmando que, “Por falta de repouso, a nossa civilização caminha para uma nova barbárie”. Pela falta do elemento contemplativo ponderado, tem-se na demasia do desempenho, a consequente exaustão psíquica. Esta, funciona como uma espécie de indústria da subjetividade, visto o controle do sujeito voltado para a eficácia em todos os âmbitos. O autor indica que a negatividade proceda da prática da violência sobre o indivíduo. Na contemporaneidade, a positividade procede da prática da violência neuronal sobre o indivíduo, estabelecendo uma agressão exaustiva em sentido a uma liberdade simulada, visto que a opressão ocorre intrinsecamente.

Byung (2017, p. 115) alerta criticamente de que “A autoexploração é muito mais eficiente que a exploração estranha, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade”. Na verdade, não somos livres, pois somos cerceados em todos os sentidos pelo poder da tecnologia de ponta. Somos um número e por ele se exerce todo um controle social sobre o indivíduo na sociedade do consumo, do capital. Han referencia que a sociedade passa ter a todo o tempo, uma necessidade de prática do vício da busca pelo contentamento vazio e efêmero. A rapidez das informações possui a mesma velocidade das ideias de felicidade ofertadas na sociedade como um todo.

O sujeito acorda escravo e dorme escravo. Estando este com sensação ou não de nutrição de desempenho, nunca se alcançará o contentamento pleno.

Dessa forma, na passagem transformacional em que a sociedade se deu por uma série de estruturas dinâmicas e manobras dos mais diversos campos, a análise da sucessão social em suas disposições práticas, se demonstra pela maneira redundante que a própria sociedade se apresenta ao longo do tempo. Isto posto, a partir de uma visão disciplinar, Han identifica a desconfiguração de uma sociedade ainda regida pela negatividade, todavia, que se movimenta num excesso de positividade. Essa ratificação feita pelo autor sobre o indivíduo como sendo parte do conjunto de uma sociedade esgotada, enriquece o estado mórbido do sujeito contemporâneo, diante do regime positivo de auto culpa. A perda da apreciação faz com que o sujeito que não tenha barreiras diante dos males do cansaço, afaste-se de toda e qualquer superação da debilidade, celeridade e reincidência.

Byung-Chul Han reitera que o nosso tempo presente é dominado por um problema temporal baseado na dessincronia, onde a criação atômica do próprio tempo encontra-se sem direção ou ordem. Que nada impede a procrastinação em grande medida. Assim, o feito de momentos torna-se sequencial e faz qualquer instante parecer o mesmo, não havendo ritmo ou direcionamento que torne algum sentido apreciativo.

Nas palavras de Han, entendemos que a categoria tempo é uma abstração da mente humana e que não pode ser objetivada. Assim expressa-se:

Não apenas o tempo narrativo é uma conclusão. Também o instante que contenta e satisfaz é uma conclusão, pois ele é fechado em si próprio. Ele não tem, por assim dizer, nada à sua volta. Ele repousa em si mesmo e se satisfaz consigo próprio. Assim, ele é sem passado e sem futuro, sem lembrança e sem espera, ou seja, sem "cuidado" [...]. Essa ausência de cuidado (e preocupação) contenta (2021, p. 13).

É de fundamental importância a crítica de Byung-Chul Han no sentido do tempo, visto que é nítido que o tempo se encontra cada vez mais acelerado, fazendo a sociedade ser tomada integralmente pela velocidade e conseqüente ansiedade. Não cabendo espaço para concentração e aprofundamento. O autor realça que o problema maior está na falta de conclusão, tendo em vista a ideia de que o sujeito não finaliza os eventos por não possuir ritos que permitem tal conclusão. Permitindo que todas as

circunstâncias se façam pela metade.

Byung demonstra que somos uma sociedade de procrastinadores, onde a ausência das finalizações é contínua e expandida. Nada possui um fim,

A aceleração tem a sua causa na incapacidade universal de concluir e encerrar. O tempo continua se lançando para frente, pois ele não chega em lugar nenhum à conclusão e ao encerramento...Onde o tempo perde todo ritmo, onde ele se lança sem parada e sem direção, no aberto e no vazio, desaparece também todo tempo certo ou todo tempo bom (2021, p. 21-22).

Em consequência disso, temos que o efeito que a aceleração produz e agilidade da mudança das coisas, torna a descaracterização plena e o desaparecimento da inovação se instala na prontidão de se iniciar, contudo, sem contingência de meio e fim. Han argumenta a respeito da falta de finalização das coisas e da permanência de pulsação entre os contextos. Sendo articulado inúmeros processos, porém todos sem uma concretização.

Essa normalização social, para Han, nos acomete na obsessão pelo desempenho, em meios às copiosas cobranças, onde o sujeito se exige excessivamente e depreende uma não conclusão, devido à ansiedade da condição de superprodução estabelecida.

Numa sociedade que tem por efetivo um cansaço estável e a superprodução, como modo de contentamento de um eixo estruturante da contemporaneidade, o aspecto de aperfeiçoamento numa qualidade de vida é completamente utópico. Como bem trata o autor, o excesso de sim positivou o esgotamento e o normalizou, de modo a tomar como acerto a euforia cada vez mais de formas de autoexploração e menos ócio. Tendo no cansaço a consequência concreta da não existência de libertação¹⁹.

Outra preocupação constante é a falta de negação, para que pudesse haver alguma expectativa prática de preservação reflexiva. Por hoje se enunciar o sim para o não, Han nos atenta ao cansaço absoluto também na ilusão e alucinação de dominação do sujeito sobre o tempo. O autor (Han, 2017, p. 32) pondera que “A sociedade do cansaço faz o próprio tempo de refém”.

Portanto, em virtude do mencionado, o início das coisas tem se dado sem finalizações, haja vista que cada minuto deve ser dedicado ao desempenho integral

¹⁹ A ilusão estável de que a superprodução produz uma liberdade social, faz com que o sujeito gere mais produção e não crie espaços de descanso. Nessa perspectiva, a reflexão não possui oportunidade, pois o tempo é tomado de desempenhos.

do indivíduo, onde a liberdade não coabita genuinamente. A coação do desempenho que aflui no esgotamento ilimitado do sujeito, não absorve meios de libertação pelo apoderamento do tempo em práticas produtivas. O ócio não é permitido, visto a necessidade da superprodução. Por isso, a ideia de contrapor a aceleração contemporânea e as formas esmagadoras em que as coisas são lidas, faladas, superficialmente analisadas, redundantes e frenéticas, torna-se sintética. Qualquer pensamento favorável ao tempo qualitativo, de modo a se ter um cuidado apreciativo individual e uma consequência benéfica para a sociedade, se coincide na coação da liberdade do cansaço pelo desempenho, sendo esta tida como indispensável ao modo de vida atual.

3.5 A ilusão de liberdade no desempenho como consequência da coação social

Como vimos no pensamento anterior, Byung-Chul Han indica que a conexão das ações com o tempo se tornou algo confuso na contemporaneidade. Aborda a falta de tempo à má aplicação dos cenários comuns do cotidiano. A expressão de tempo configura uma oportunidade de reflexão das virtudes e o fato de termos uma época sem qualidade e boa condução do tempo, aponta para um caos e consequente perda de sua duração.

No que tange ao tempo, Han o analisa como uma qualidade a ser desempenhada de modo qualitativo, entretanto, aponta a incapacidade social de tal compreensão. Visto que, através da ininterrupta produtividade e do constante desempenho, no qual afastam qualquer tipo de contemplação e celebração de um tempo valorativo. Assim, o autor expõe:

O tempo de celebração é um tempo que não pode ser acelerado nem desacelerado. O assim chamado aceleracionismo, muito badalado atualmente, não percebe que na crise em que atravessamos atualmente não pode ser alcançado nem pelo processo de desaceleração nem pela aceleração. Precisamos de uma nova forma de vida, uma nova narrativa, donde possa surgir uma nova época, um outro tempo vital, uma forma devida que nos resgates da estagnação espasmódica (2017, p. 112-113).

Em consequência disso, a sociedade atual considerada por Byung-Chul Han, é uma sociedade desempenhada, produtiva e ausente de qualquer meio de repouso

legítimo. O próprio corpo social se justifica em seus feitos e necessidades de uso do tempo para um proveito exclusivamente produtivo. Assim, o trabalho é asseverado de modo contínuo para o alcance dos vários moldes disseminados de gerenciamento do tempo. O tempo, na análise haniana, é justificado em seu uso perpétuo, sem intervalos, sem profundidade ou recuperação. É apenas modificado em sua nomenclatura e forçado em seu delírio de benefícios. Essa manipulação da consciência torna os indivíduos superficiais. Nessa questão Chul Han explica que,

A sociedade do cansaço atual faz o próprio tempo de refém. Ela o acorrenta ao trabalho e o transforma em tempo de trabalho. O tempo do trabalho é um tempo sem conclusão, sem início e sem fim. Ele não exala [nenhum aroma]. A pausa não marca, como pausa do trabalho, um outro tempo. Ela é apenas uma fase do tempo de trabalho. Hoje, não temos nenhum outro tempo senão o tempo do trabalho. O tempo do trabalho se totaliza como o tempo (2017, p. 32-33).

A partir dessa identificação do tempo em seu mal uso, esse o transforma, conseqüentemente em um meio justificado da coação vigente no sujeito do desempenho. Em todos os acessos sociais, Han identifica as formas de intervenções dos aspectos produzidos no indivíduo através do desempenho, e, repercutidos na sociedade. Levando-se em consideração esses panoramas, a fragmentação do tempo e seu desgaste permanente passaram a esgotar a sociedade do excesso integral fatídico. Tal excesso transmutado nas justificativas dos adestramentos atuais, favorecem a dificuldade da reflexão possível sobre um esgotamento assolador existente.

Os rastros de desempenho e desejos de sucesso tem cerceado as possibilidades de interrupção do cansaço na sociedade. Pois o curso da vivência humana se tornou uma busca por fenômenos atemporais, em que tudo quanto for possível ser produzido, deve ser assim feito. O sujeito não se incomoda com o cansaço. Ele é indispensável à vida social. Isto posto, o autor fundamenta este efeito através da objetificação que se tornou a sociedade, tendo na performance humana o seu firmamento de que o hoje somos uma sociedade ilusoriamente livre.

Han assevera que a simpatia pela exploração ocasiona a legitimidade da coação contemporânea:

O sujeito de desempenho da modernidade tardia não se submete a nenhum trabalho compulsório. Suas máximas não são obediência, lei e cumprimento do dever, mas liberdade e boa vontade. Do trabalho espera acima de tudo alcançar prazer. Tampouco se trata de seguir o

chamado de um outro. Ao contrário, ele ouve a si mesmo. Deve ser um empreendedor de si mesmo. Assim, ele se desvincula da negatividade das ordens do outro. Mas essa liberdade do outro não só lhe proporciona emancipação e libertação. A dialética misteriosa da liberdade transforma essa liberdade em novas coações. (p. 83)

Diante desta coação se faz translúcida a apreensão da normalização dos abusos fluidos que tem acometido a sociedade. Essa normalização para Han é o afastamento máximo de toda e qualquer possibilidade de ócio. Visto que a banalidade das doenças neuronais e o esgotamento identificado na sociedade não são mais alvo de estranheza. Normalizou-se o caos social pela escassez de espaço para o ócio. O desempenho se tornou o todo e a demanda de liberdade dentro deste escopo de produção é a sua própria execução ininterrupta.

Deste modo, o discurso de alto realização e produtividade da nossa sociedade tem migrado cada vez mais de uma sociedade da proibição para uma impressão de liberdade. Na verdade, é possível, através do autor, uma consideração factual de um refinamento da estratégia de dominação do indivíduo. Visto que o sistema não mais amedronta, mas sim, seduz. Essa sedução sistêmica, por sua vez, acaba por justificar o desempenho e torná-lo necessário.

O autor reforça que o indivíduo é senhor e escravo de si, por isso se julga, logo, se cobra, logo, se frustra e torna-se cheio de produção e vazio de si. A liberdade coercitiva é o ponto crucial do estudo haniano, pois cuida de que a vítima e o vilão se coincidem. Assim, mediante a auto violência, o trabalho, a produção, o desempenho são constantes e em todas as áreas, regados de vigilância plena e uma cobrança violenta de todos os elementos.

Considerando esta conjuntura que açoita a sociedade, o silêncio se torna impossível, visto que ele atrapalha o desempenho e torna esse lugar de tempo improdutivo, logo, inútil. Nas palavras de Han, o homem contemporâneo além de “hiperativo é hiperneurótico” (2017, p.44), considerando que o ganho de desempenho tornou a sociedade histérica e nervosa, afastada de qualquer possibilidade de contemplação. Os excessos existentes atrapalham a reflexão da severidade da falta.

Efetivamente, experienciamos na percepção do autor, a consideração a um desaparecimento do ócio como ponto de crise incessante da sociedade contemporânea, pois a falta deste tempo de ociosidade fora confundida com a

liberdade coercitiva do desempenho contínuo. Em todo o tempo, o trabalho ilimitado se fundiu com o lazer e tudo se tornou meio de produção e progresso. Han analisa que:

Hoje em dia o tempo de celebração desapareceu totalmente em prol do tempo de trabalho, que acabou se tornando totalitário. A própria pausa se conserva implícita no tempo de trabalho. Ela serve apenas para nos recuperar do trabalho, para poder continuar funcionando (2017, p. 113).

Assim, na visão do autor, essa análise do tempo e da falta de bom uso, faz com que o aproveitamento do todo seja voltado para o desempenho, que é o nutridor generalizado da sociedade contemporânea. Dessa forma, o objeto de possível avaliação e restabelecimento da sociedade, enquanto praticante de um mal uso temporal, se tornou árduo de ser efetuado. Pois, necessário se faz, de acordo com uma espécie de revolução temporal, para que um projeto de reabilitação humana possa fluir, alguns recursos terapêuticos do tempo, e, estes fossem estimados.

A práxis do desempenho, mesmo nociva, se vale de indispensável em nossa sociedade. Por isso, o autor medita numa possibilidade de transformação coletiva, todavia, impossível de ser abrangida na sociedade do cansaço. Assim, se norteiam perspectivas de uma erupção no quadro social, de modo a refletir na experiência de um tempo, eventualmente, sagrado à existência humana.

No capítulo a seguir, será discorrido discernimentos de Byung acerca dessa erupção para uma expectativa de reflexão da sociedade em seu cárcere produtivo e ilusoriamente libertário.

3.6 Por uma moral rumo à liberdade do indivíduo

Dispomos de um dispositivo ético-moral na contemporaneidade, cuja autonomia se entrelaça na superficialidade das ações em que o ser humano se encontra. Por tornar-se algo fluido nas passagens humanas, a ética muito se desfaz pela escassez de um exercício meditativo, como mediador de tais ensejos. Nessa disposição, a perceptibilidade do enfraquecimento da alteridade na sociedade é de um aporte fenomenológico ao campo social que enfrentamos. Pois, a superação da falta de alteridade se perfaz cotidianamente no espectro da superação sem superar. Nesse escopo, a reciprocidade, sendo um eixo atributivo da essencialidade alteritária,

possui em sua proposta a sua própria vitalidade e necessidade, ambos baseados no cuidado.

Devido à falta de reflexão e de alteridade, de certo modo, estamos marcando um tempo em que a ética está sendo muito descaracterizada pelo excesso da moral pessoal com uma acentuação ao egoísmo e fechamento humanos, além de um tempo de centrismos impeditivos do agir alteritário. Pelo modo que estamos apartados de uma das grandes necessidades humanas, qual seja o da alteridade, nos encontramos sem fórmulas que respeitem essa necessidade, bem como que se reconheça um comportamento integralmente ético na esfera social.

Por extinção do outro, como existência de que depende o eu, não se tem em si a dimensão ética indispensável para que se mantenha a alteridade, como forma de autocuidado e cuidado do outro, em absoluto. Podemos discernir que a proporção ética do cuidar, numa alternativa transcendental frente ao status quo contemporâneo, se responde pela própria condição humana de delírio de liberdade na coação do desempenho. Como expressa Heidegger (1995), que “no que tange ao homem, é a proximidade o que lhe está mais distante”. Sendo a caracterização do cuidado um ato de ânimo para, porventura, uma desensibilização do cansaço e nutrimento ao reconhecimento deste, para fins de uma regeneração social por absorção do prejuízo fatigante dos excessos, e, um reconhecimento das ilusões consumadas.

Justamente por encontrarmos um meio social performativo, podemos ver a ética como uma utopia, visto que a supressão de uma interioridade, torna a comunicação limitada em sua salubridade. Neste ponto crítico da análise do Byung, a carga de responsabilidades não produz um autoconhecimento, uma contemplação ética. Muito menos resposta à questão: O que estamos fazendo conosco em meio a tanto desempenho? Estamos mergulhados num

[...] cansaço profundo afrouxa as presilhas da identidade. As coisas pestanejam, cintilam e tremulam em suas margens. Tornam-se mias indeterminadas, mais permeáveis, e perdem certo teor de decisibilidade (Byung, 2017, p. 75).

Nessa análise, o autor sustém a gravidade da falta de aplicação ética na sociedade, assim como a importância da prática ético-moral em nosso meio. Neste contexto, o pensamento ético se faz ainda mais necessário, pelo fundamento prático do conhecimento que se perde entre os encargos diários e pela reflexão a um acesso

de re-situação da ética no campo prático-social. Este preenchimento ético-moral dos espaços onde vivemos, seriam como fontes de ajuda e entendimento dos problemas cotidianos. Isto também faz com que essa teoria seja relativa à época e as mudanças de acordo com os contextos sociais que colaboram para as diferenciações relativas à ética.

Byung, no entanto, nos alerta, não para uma mudança ético-moral, mas sim, para a falta desta. Ele trata de uma visão da ética que pelos princípios levam a um respeito à alteridade. Contudo, a superprodução e desempenho ininterruptos, fazem do ser humano uma máquina de produtividade, faltando perceber o outro como ele é. Assim é mais fácil aliená-lo. Não assimilar o outro enquanto outro e uniformizar o outro na alienação, nos impede da valorização da alteridade e nos afasta de uma observação de extrema importância no tratar humano.

Dentro da necessidade de uma busca alteritária, tem-se, sobretudo, a ilusão da crença libertária no *modus operandi* da expressão do poder elitizado perante a sociedade. A punição não se faz mais como nas sociedades antecessoras, mas sim, de maneira a coagir na falsa sensação de liberdade. Depois de condicionado à sensação libertária, o sujeito não desenvolve a motivação necessária para a correspondência da falta. Assim, contemporaneamente temos no egotismo a percepção do *alter*, de uma alteridade, através da sensação de poder. E nessa sensação se desatende o panorama atual frente o esforço moral por uma liberdade do cansaço.

Pela falta de liberdade para que reconheçamos um aspecto da moral ou ausência desta, temos uma descaracterização da liberdade pela forma de coação que esta toma como liberdade, dentro da ilusão que a comprime. Sendo assim, falamos da real liberdade como conceito da ausência de submissão, positivando-a como uma emancipação do indivíduo, gerando uma autonomia racional.

Numa associação da liberdade rumo a uma moral, dispomos de uma conexão das ações morais para que se abarque uma liberdade proporcionalmente usual. Leclercq (1967, p. 376) estabelece que "[...] os atos só têm caráter moral na medida em que nele intervém a liberdade; e seu caráter moral diminui na proporção que diminui a intervenção do livre-arbítrio". Consequentemente, a privação da liberdade tolhe a moralidade e seus atos de responsabilidade na sociedade. Em um entorno dinâmico e mortífero do cansaço, a descaracterização da consciência moral para que se capte uma condição fisiológica da liberdade, é possível. Contudo, atribuir uma

legitimidade ao cansaço para que, em seu reconhecimento, percebamos a reflexão necessária acerca da disposição libertária da coação, é uma abertura ao antropocentrismo, para uma espécie de emancipação da coação imposta pelo cansaço e um proveito possível da capacidade de praticar uma autonomia rumo à liberdade.

Segundo Ermanno Nascimento (2023, p. 62): “Do cuidado emana uma sensação constante de ser reconhecido como ser pessoa com seus sentimentos e emoções que vibram sobre a consciência de si mesmo sobre si mesmo. Logo, traz centelhas de felicidade a reluzir sobre o indivíduo como necessário à sua realização”. Por isso, nessa falta de cuidado em que a vida é fragmentada em sua existência, alguns pontos de reparação poderiam cultivar algo ético que desse ao indivíduo a chance de absorver a sociedade de maneira condicional à cura. Numa espécie de significação das possibilidades, Mortari, por sua vez, confere um respeito ético de si e para si, em prol do outro e para o outro, de modo a transcender as tensões contemporâneas e isso implica buscar um entendimento cada vez mais significativo sobre o termo cuidado, porque ele,

[...] se mostra, portanto, carregado de diferentes significados; é polissêmico: existe um cuidado necessário para continuar a viver; um cuidado necessário ao existir para concretizar a tensão à transcendência e nutrir o ser-aí de sentido; e um cuidado que repara o ser, tanto material como espiritualmente, quando o corpo ou a alma adoecem. O primeiro é o cuidado como trabalho do viver para preservar o ente que nós somos; o segundo é o cuidado como arte de existir para fazer florir o ser-aí; e o terceiro, o cuidado como técnica de conserto para curar as feridas do ser-aí. O cuidado, na sua essência, responde a uma necessidade ontológica, que engloba uma necessidade vital, aquela de continuar a ser; uma necessidade ética, aquela de ser-aí com sentido, e uma necessidade terapêutica, para reparar o ser-aí (2018, p. 36).

Embora esta seja uma necessidade notoriamente tangível, dentro de uma necessidade ético-moral vigente, não se trata de um pontapé para estas questões, por vista de ser algo ainda perseguido, pois a disposição ética se constitui de um paradoxo que o pensador sul-coreano apresenta como o excesso daquilo que deveria ser bom, por ser positivo, na verdade fundamenta o afastamento ético-moral do indivíduo em sua falta de alteridade, em seu complexo temporal de produção inacabada cotidianamente. Para Chul Han (2017, p. 102) “Ele se destrói na vitória”. Porquanto, perceber o problema ético da atualidade nos possibilita depararmos, filosoficamente,

com uma transcendência da positividade tóxica factual, para que nos recuperemos em um senso crítico, metodologicamente, a um pensamento ético-moral como forma de contra-narrativa ao arquétipo da superprodução, para fins de uma reposição do sujeito à mecânica de cuidado e alcance da alteridade.

4 POSSIBILIDADE DE SUPERAÇÃO DA SOCIEDADE DO CANSAÇO

Nesse capítulo será tratado da possibilidade de saída da sociedade do cansaço, a partir do pensamento de Chu Han de um pós-cansaço e inevitável esgotamento social. Num primeiro momento será discorrido pela percepção de Han, uma ótica de mudança do cansaço vivido pelo indivíduo.

Dessa maneira, as respostas do pensamento dissertam em três pontos. Iniciando com uma apreciação sobre o tempo e sua relevância no modo de utilização no dia a dia. A contemplação, os sentidos e formas de vivências das coisas da vida, experienciando a preciosidade do tempo em sua aplicação qualitativa. A ideia do autor em que o tempo se tornou algo disperso na contemporaneidade, faz com que se fundamente metaforicamente o tempo como um aroma. Aroma esse ainda desconhecido na sociedade atual e que possui uma essencialidade aos dias atuais.

Num segundo ponto, referencia uma questão que, a partir da obra de Byung, nos é possível evadir, através de uma dimensão ética, sobre a dinâmica mortífera do cansaço. Assim, nos será possibilitada uma movimentação de vida contemplativa, através da liberdade do cansaço. Também veremos como a sociedade passa a necessitar e valorizar de uma contemplação para sair da vida ativa. Assim, a necessidade do ócio²⁰ e da contemplação para que o ser humano não perca terminantemente a sua humanidade. Por consequência, para que o indivíduo reflita, necessário se faz o tempo. Para que haja tempo, necessários se fazem ciclos de reabilitação para que se adquira uma certa profundidade, segundo o filósofo, através do ócio.

Seguidamente, num terceiro elemento, se propõe uma reabilitação social num aspecto ecológico, de modo a permitir a reflexão dos indivíduos entre si e no ambiente vivente. O autor trata de uma análise do mundo, sendo este contemplativo, logo, reflexivo e nobre em sua ociosidade. Chul Han sobreavisa os impactos positivos de uma ecologia social transcendental ao cansaço e as consequências possíveis de uma

²⁰ A falta de ócio corrobora para o afastamento do sujeito da apreciação qualitativa do tempo. Han alude essa falta de ócio como extremamente perigosa, justamente pela sua ilusão de não necessidade.

reabilitação do indivíduo, juntamente com seus impactos na sociedade como um todo.

4.1 O tempo e sua relevância no dia a dia

Nesse momento do estudo da análise feita por Byung-Chul Han, torna-se inevitável, após o desembaraçamento apreciativo da sociedade do cansaço, o diagnóstico do tempo. Já tendo essa análise uma realidade atual, a apreciação de uma possível contemplação do tempo, dentro dos extremos existentes, se torna um estímulo para contrapor o problema da liberdade paradoxal na prática dos excessos.

Pela dessincronia factual do tempo, onde tudo parece a mesma coisa e a busca pelo mesmo é contínua e necessária aos moldes do sistema existente, revoa a abstração de que tudo é o mesmo, sem significado profundo. A respeito da deste ponto, o autor pondera que,

A presente crise remete para a dessincronia, que conduz a diversas alterações temporais e à parestesia. Falta ao tempo um ritmo ordenador. Daí, que perca o compasso. A dessincronia faz com que, por assim dizer, o tempo tropece. O sentimento de que a vida se acelera tem, na realidade, origem na percepção de que o tempo anda aos tropeções sem qualquer rumo (2016, p. 9).

Nessa compreensão, Han trata da dessincronia como agente direta da dispersão do tempo, tendo em vista a sua percepção difusa do tempo e conseqüente inexperiência de uma durabilidade deste. Todas as coisas se aceleram e se acumulam. Todavia, sendo o sujeito naturalmente um ser que aprecia e contempla, não se tem a máxima absoluta de sua existência na produção e no desempenho. Tampouco na perpetuidade da dessincronia. Pois, a capacidade laboral do sujeito é tão significativa quanto o seu ócio. No entanto, por não se ter mais a prática do descanso, perdeu-se na sociedade o valor do tempo em uso de regeneração e preservação.

Diante dessa ótica de possibilidade qualitativa do tempo, fortalece a crítica ao cansaço pelo meio de superprodução e desempenho, visto que a autoexploração continua a adoecer a sociedade por falta de antídotos não atingidos. Não obstante, através de sua teoria crítica ao capitalismo contemporâneo e sua aplicabilidade no corpo social, Byung considera um modo de sobrevivência introdutiva na desaceleração, a julgar pelos excessos não só de desempenho laboral, mas pela superabundância de informações. Assim, uma reaprendizagem se faz plausível através da possibilidade de experienciar um novo tempo.

Tendo o pensador a proposta de que a revalorização se torna evidente na plenitude da contemplação através do tempo, esse ritmo carece de desaceleração para a sua manifestação. Nisso, fortalece no tempo a sua máxima recursal para um amparo da sociedade atual. Assim, na construção dessa análise do tempo, Han (2021, p. 26), interpela que “O esperar incerto, a paciência necessária, o crescimento lento produz uma sensação de tempo especial”. Dispondo da duração dos instrumentos sociais e seus contextos, acredita-se que cada coisa possui a sua narrativa e modo de contemplação através do tempo. Nessa conjunção, a perda da condução e o ganho de produtividade, não dispensa a utilidade temporal. Ao contrário, o filósofo em análise, reforça que se torna cada vez mais tormentoso ao indivíduo, e, conseqüentemente à sociedade, a inexistência do tempo para a estabilidade humana.

Entretanto, Han dá um sentido temporal, de modo a produzir riqueza ao tempo qualitativo. A pobreza se perfaz para ele com a falta de tempo e a experiência intensiva das coisas, enriquece a existência, corroborando para o tempo qualitativo, genericamente. Podemos interpelar, assim, a riqueza da qualidade existencial através do tempo, de modo a torná-lo uma possibilidade de caminho para uma redenção do sujeito frente ao esgotamento provocado pelos excessos.

Nessa perspectiva dos sentidos enriquecedores de uma vida qualitativa, Han vislumbra o tempo em uma contribuição aromática. Uma experiência temporal qualitativa possui uma profundidade que alcança um aroma²¹ atípico, com notas de possibilidades para além da exaustão. Posto isto,

É necessária uma revitalização da *vita contemplativa*, posto que abre o espaço de respiração (*Atemräume*). Talvez o espírito deva a sua origem a um excedente de tempo, um *otium*, uma respiração pausada. Se poderia reinterpretar *pneumas*, que significa tanto “respiração” como espírito. Quem fica sem alento não tem espírito. A democratização do trabalho deve seguida de uma democratização do *otium*, para que aquela não se converta na escravidão de todos (2016, p. 10).

Essa revitalização da vida possibilitada no decorrer da análise de Chul Han,

21 A relevância de um aroma para que se perceba um caminho ao ócio, faz com que Byung-Chul Han traga uma preciosa análise pertencente aos dias atuais. Pela superficialidade das coisas e pela aceleração dos dias, o autor reduz a agressividade da falta de tempo para sugerir uma mudança extremamente sensível e que conecta o sujeito à oportunidade de restauração de si, através da percepção dos efeitos saudáveis e duradouros do ato de desacelerar.

tem em seu objeto temporal uma analogia aromática como o tempo no centro da questão. Sendo o tempo de dedicação ao desempenho como um tempo sem aroma e o tempo de contemplação como um tempo aromático. Logo, a profundidade da observação do autor eleva a condição da preciosidade do tempo para os sentidos naturais do cosmos. Visto que o tempo de qualidade reverbera uma iluminação medular para a continuidade da vida em seu sentido natural de percepções. Em tal sentido, como essas percepções não se encontram em seu sentido efetivo, o aroma deste tempo demonstra-se vazio de percepção. Portanto, Byung (2016, p. 32), reflete que “O tempo do trabalho é um tempo sem conclusão, sem início e sem fim. Ele não exala nenhum aroma”.

O propósito da vida é tratado pelo autor como algo precioso e que tem, em contraposição ao tempo de trabalho, que possui uma crítica severa e profunda da má aplicação do tempo, a sua intensidade como essencialmente fundamental para a consequência dos contextos diários. Se proporciona o tempo com uma interioridade que o simplifica com um aroma temporal. Esse bálsamo remete o simbolismo ao tempo desacelerado e harmonizado. O que não é o panorama da contemporaneidade. Devido a isso, a crítica se faz extremamente coesa à narrativa do vazio temporal e seu preenchimento de afastamento do tempo qualitativo. Consequentemente, a falta de qualidade do uso do tempo remete a todas as insuficiências da vivência humana, bem como acarreta a coação que resulta na violência neuronal habitual. Nesse estado, conseguimos decifrar a relevância do tempo a partir do que constata Han (2016, p. 61-62): “O tempo desintegra-se numa mera sucessão de presentes. A época da pressa não tem aroma. O aroma do tempo é uma manifestação da duração”.

Sendo o tempo manifesto em um aroma convidativo do indivíduo, nos resta captar essas sensações na contemporaneidade para que se tenha algum tipo de percepção e sensibilidade, a fim de perceber a preciosidade do presente em seu mais simples e leve tempo. Demonstra-se a necessidade cada vez mais manifesta de desenvolver uma noção do não-tempo, para que nesta se capte a importância da desaceleração, como forma indispensável de rendimento do tempo. O tempo qualitativo de Byung-Chul Han, é o tempo do ócio, o tempo do descanso, da desaceleração para a contemplação. Nisto, o autor propõe um entendimento do não-tempo, para que se perceba o não aroma do tempo, e, então, se busque o tempo em sua originalidade, em seu aroma próspero, para fins de alcance de um possível aprofundamento das questões do mundo atual.

Para o autor, o tempo se faz de modo intensamente valoroso, e diz:

O tempo começa a ter aroma quando adquire uma duração, quando ganha uma tensão narrativa ou uma tensão profunda, quando ganha em profundidade e amplitude, em espaço. O tempo perde o aroma quando se despoja de qualquer estrutura de sentido, de profundidade, quando se atomiza ou aplanar, se enfraquece ou se abrevia (2016, p. 32).

Dentro dessa compreensão do tempo, analisamos que este deve ter uma instalação mítica, que, de acordo com Han, através de um tempo mítico, se faz possível uma espécie de preservação na continuidade, possuindo experiência e narratividade. Byung considera que o tempo em seu estado mítico é o que poderia aproximar o indivíduo de uma alternativa ao não-tempo e mal uso do tempo presente. Han conceitua que o tempo não qualitativo permanece numa repetição das coisas, em meio a produções e desempenhos. Nisto, sem espaço para alguma espécie de profundidade. Já no tempo mítico, pode-se refletir nas narrativas de um tempo na atualidade em que mesmo que se contenham repetições de ações, a ciclicidade pode ser marcada para os bons registros sociais, como datas comemorativas. Entretanto, não se confunde com o tempo acelerado que tudo se repete sem profundidade.

Nesse sentido, a narrativa no tempo possui uma preservação, mediante sua experiência, sua existência. Torna-se importante, sem lesionar o tempo em seu aroma necessário. Han (2016, p. 32), trata que “Tanto o tempo mítico como o histórico possui uma tensão narrativa. O tempo é composto por um encadeamento particular de acontecimentos. A narrativa dá aroma ao tempo”. Logo, o tempo das coisas e das experiências possibilitam uma narrativa que é integrada por Han em seu propósito de reflexão do tempo qualitativo.

Dessa forma, a qualidade de vida do cotidiano está inteiramente associada à qualidade do tempo. Visto que o convite ao equilíbrio não só se constata relevante, como essencial para o sujeito, inclusive para vivenciar outra vez uma sensibilidade à liberdade.

4.2 Possibilidade de uma movimentação de vida contemplativa através da liberdade do cansaço

Compreendemos pela atribuição da análise de Byung, o cuidadoso trânsito feito por ele sobre o sujeito, e, pelos pontos observados de sobrevivência permanente da

sociedade, em meio às infinitas atribuições. Nada mais evidente do que o indivíduo ter se transformado num autômato do sistema capitalista. Tendo na sua produção e tentativa de alcance do desempenho imposto, a sua forma superficial de produzir muito e nada acentuado. Na sociedade do cansaço, a vida é permanentemente ativa. Assim, não havendo espaços para estímulos de interrupção dessas ações, a vivência se concebe reduzida às atividades de exaustão.

Elucidativamente, o progresso de inúmeras áreas sociais é de extrema valia. Contudo, diante de todo progresso tem-se os desafios que demandam superação em suas dimensões. Sendo o esgotamento uma realidade aplanada na sociedade, os obstáculos tornam-se ainda maiores. Haja vista na ausência do estado meditativo e apreciativo, a escora da produção ininterrupta ser o suficiente para o não descanso dentro do cansaço.

Desse modo, sem tempo para o tempo, o cansaço é uma consequência não entendida em sua austeridade, e, assim, imune de reflexão a respeito do descanso. Dentro desse prisma, Chul Han supõe o experimento da vida em contemplação de pontos essenciais ao equilíbrio humano, pois as disfunções obtidas nos excessos da vida ativa, mostram o quanto o consequente cansaço tem se tornado uma compulsão generalizada. Não obstante, a paisagem do século XXI é tomada por patologias que parecem inevitáveis e metas inalcançáveis. Frutos de uma sociedade demasiadamente positivada, para além da negatividade remota. O status do cansaço é mais cansaço, o indivíduo é infeliz por não ser uma máquina. O indivíduo aprecia os excessos e neles sucumbe-se. De modo espesso, o filósofo Han (2016, p. 128), discorre: que “[...] a perda da capacidade contemplativa é responsável pela degradação do homem em animal laborans”.

Por consequência dessa aproximação com a violência integral que acomete a condição humana, o cansaço passa por atualizações, tendo perdido todo espaço de interrupção para apreciação. Assim, segundo o filósofo, o cansaço se estabiliza e se atualiza, tendo o sujeito em seu tempo livre, simplesmente uma ocasião de recuperação para novo escopo de esgotamento, bem como novos fomentadores da violência neuronal.

Sobre esse tempo de recuperação, vislumbrando uma possível oportunidade de descanso, o autor qualifica como uma “cultura do ócio”. Dentro dessa interpretação,

Han alicerça que

A incapacidade de ter ócio é um sinal de apatia. O ócio não tem a ver com não fazer nada, muito pelo contrário. Não está a serviço da dispersão, mas da reunião. O demorar-se requer uma recolha de sentido (2016, p. 103).

Observamos que a cultura do ócio em seu sentido genuíno não se apresenta, na contemporaneidade, como forma de descanso ou de renovação através da contemplação pelo tempo. De modo contrário, o ócio da sociedade atual é uma sensação plena do esgotamento para um realinhamento da produção e continuidade dos excessos em seguida. Han discerne o ócio como uma possibilidade de contemplação de uma verdade em si, onde o indivíduo se reconhece como pessoa verdadeiramente em si. Também sugere que, para a sociedade alcançar qualquer possibilidade de ócio, este deve ser apreciado em sua excelência, tal qual considerada a sua preservação para que seja instituído na contemporaneidade.

De modo avassalador, o cansaço preencheu as linhas de probabilidade do ócio nas camadas indispensáveis da sociedade. Sendo passos cada vez mais distantes de uma vida contemplativa. A absorção do mundo atual pelo desempenho e produção tem tornado o ócio cada vez mais inacessível. Sendo, para este pensador, a falta do ócio uma maneira de impulsionar produções ininterruptas para a sociedade, que caminha cada vez mais para o perecimento deste e a não contemplação da vida. Assim, não ter o tempo do ócio é não ter uma percepção de contemplação da vida. Visto isso, uma escassez filosófica do pensar do sujeito em âmbitos em que o pensar deveria ser vital para a preservação humana.

A incapacidade da sociedade contemporânea em se ater ao carecimento do ócio, sugere uma reflexão onde Han (2016) descreve que “Na idade média, a vida contemplativa gozava de prioridade frente à vida ativa”. Por essa característica se depreende a decadência social da contemplação, ao ponto de não ser mais concebida.

A necessidade do ócio para o mundo contemporâneo se faz tão necessária que a própria morte se torna algo valoroso ao desespero do ritmo frenético das coisas. O autor faz uma observação a respeito do mundo contemporâneo e seus níveis de acometimentos neuronais, e, consequentes danos. Inclusive autodestrutivos, pois tem se tornado algo tão banal que se passa a contar os casos. Todavia, as soluções são, por vezes, tardias. Considerando que, partindo desse ponto, se fundamenta a

questão da disciplinarização da sociedade e a sequela da “maquinização” do sujeito para a obediência do sistema capitalista. Assim,

O dispositivo industrial é um imperativo econômico-temporal, que forma o homem de acordo com o ritmo das máquinas. Iguala a vida humana ao processo de trabalho e ao funcionamento das máquinas. A vida guiada pelo trabalho é uma vita activa, que está absolutamente apartada da vita contemplativa. Se o homem perde toda capacidade contemplativa se rebaixa a animal laborans (2016, p. 107).

Dentro dessa configuração de vida sendo moderada pela disciplina, o portal para uma vida contemplativa se faz resistente. Todavia, o autor muito bem aponta como um modo essencial para uma afinidade em prol de uma vida mais verídica, assim como um desaceleramento da ação para uma contemplação. Nisso, no espaço de tempo para um convite ao ócio e consequente contemplação verídica, podemos interpretar como uma chance à não integralidade do trabalho. Sendo possível uma brecha para a dilatação da contemplação em meio ao cansaço.

Ainda sobre o tempo, sendo este presente tomado pelo trabalho, o escasso momento de possível descanso é tomado por experiências superficiais e de afastamento de qualquer intimidade. Isto posto, a atemorização da durabilidade do descanso traz a sua própria relevância e disposição para não se viver com este temor, mas sim, conduzi-lo a um processo de redução do cansaço, para que se tenha, originalmente, uma sensibilidade à vida contemplativa.

Perante os obstáculos da atualidade, a sociedade possui a inevitabilidade de uma reflexão sobre uma autonomia para o alcance estável de contemplação. Nisso, a liberdade torna-se, perante a necessidade de desempenhos, um complexo e substancial caminho para o equilíbrio individual, e, progresso coletivo. Chul Han (2023, p. 41) expressa que “A vida ocupada, aquela que falta qualquer dimensão contemplativa, não é capaz de dar a amabilidade do belo. Ela se mostra como uma produção em destruição acelerada”.

Byung acredita que uma incorporação da vida ativa à vida contemplativa poderá convidar um sujeito à reflexão da necessidade do descanso e a não absolutização da vida ativa e seus excessos. Esse decurso faz com que se experiencie uma existência orgânica, bem como oportuniza uma exploração da capacidade reflexiva, adormecida pelos excessos de desempenho.

Por conseguinte, se propõe uma vida ativa para que seja complementar à vida

contemplativa. Haja vista que, em sua análise, possui uma apuração de que a vida ativa e a vida contemplativa se complementam. Dessa forma, fundamenta-se que, para Byung, não considera renunciar um dos objetos em questão, mas sim, alternar os ciclos das ações ativas com as ações contemplativas. Há de se analisar a salubridade da complementariedade das duas ações e os espaços necessários para cada um desses momentos. Sendo uma ação permeada pelo movimento da outra. Nisso, é seguro dizer que a recuperação do tempo de contemplação e reflexão trará uma recuperação para o retorno de uma humanidade. Para que o indivíduo possa existir além do ativismo e dos objetivos diários e das obrigações. Esta condição dará uma consciência do que este filósofo (2023, p. 23) trata, de que “A vida contemplativa sem ação está cega. A vida ativa sem contemplação está vazia”.

Tendo uma reflexão sobre caminho a seguir para uma liberdade do cansaço e possível aroma fora do desempenho, tem-se como plausível a prática digna de uma vida contemplativa, onde a expectativa da absorção do sujeito, de sua singularidade de inteligência e discernimento, o torna um ser contemplativo. Han desenvolve, de maneira erudita, uma análise da contemplação como um renascimento necessário ao indivíduo, incluindo um novo respirar para que se contemplem os ciclos das ações em seu molde mais libertador:

É necessária uma revitalização da vida contemplativa, posto que abre o espaço de respiração (Atemräume). Talvez o espírito deva a sua origem a um excedente de tempo, um otium, uma respiração pausada. Se poderia reinterpretar pneumas, que significa tanto “respiração” como espírito. Quem fica sem alento não tem espírito. A democratização do trabalho deve seguida de uma democratização do otium, para que aquelanão se converta na escravidão de todos (Han, 2016, p. 135).

Deste modo, Byung-Chul Han salienta a essencialidade de uma vida contemplativa para contrapor a sociedade do cansaço, pois, com o status social contemporâneo, a destruição é uma consequência extremamente palpável. Sabendo como o ser humano necessita dessa liberdade para a contemplação da vida, o espaço trazido no respirar é uma probabilidade de fragmentação da servidão do desempenho. Assim, espaços para respirar a liberdade e trazer um descanso ao cansaço, são vistos como pontos de equilíbrio pela análise de Han, sendo o restabelecimento de uma condição de vida com tempo, uma condição saudável e otimizada para a redenção dos excessos.

4.3 Proposta de uma reabilitação social num aspecto ecológico para uma reflexão dos indivíduos entre si e no ambiente vivente

Com o propósito de adentrar num âmbito complexo e delicado, norteia-se a validade do cansaço para que esta tenha seu desenlace, de maneira a convidar ao equilíbrio, com a vida ativa. Nessa forma de articular sobre os cenários contemporâneos, ele aprecia os objetivos para fins de estruturar os passos argumentativos da reflexão para um possível agir. Desse modo, uma vida equilibrada na ação, na práxis, em que pondere a razão no tempo qualitativo, possui este contentamento no demorar-se contemplativo. Visto que seu sentido de tempo é formado na duração e qualidade deste. Para Han, a entrega contemplativa à efetividade do tempo qualitativo, deve ser intrínseca, pois, não há possibilidade de uma ação ética, dentro de um aspecto ecológico reflexivo, para o sentido do mal uso. Sendo, pois, através do pensamento virtuoso e das ações de convite à contemplação, o alcance de libertação e aprimoramento do agente humano.

Sendo o tempo de qualidade consequente contribuinte do ócio, e, deste, uma utilidade essencial à percepção de vida contemplativa, tal essência é habilitada em cada indivíduo para que, em sua unidade, possa compreender a essência valorativa de uma vida em contemplação. Decorrente dessa absorção, Chul Han (2016, p. 136) depreende que: “Entre as correções necessárias que devem introduzir-se no caráter da humanidade, conta-se, portanto, uma ampla medida de fortalecimento do elemento contemplativo”.

Nessas condições tratadas, se demonstram as saídas dos processos pelo elemento contemplativo. Contudo, a capacidade humana em seu ápice criativo se depara com os afazeres rodeados de metas que comprometem esse cume, e, a não apreciação do sujeito sobre a sua virtude. Não havendo espaço para a meditação da vida e de sua ociosidade necessária, o sujeito não sucede em discernimento sobre sua renovação, evolução e identificação de si, de seu descanso. Byung analisa a meditação, a prática da respiração como forma de se conectar com o mundo através da mente. Onde se possa desacelerar a partir de então, fazendo com que o sagrado seja, de fato, um evento de silêncio. Sendo assim, o sistema capitalista não coopera

com o silêncio, pois esse não produz nada, logo não há lucro. Porquanto, o capitalismo não aprecia o silêncio.

A compulsão produzida no capitalismo torna o silêncio completamente indisponível. O silêncio tem sua indisponibilidade estabilizada por não possuir meios rentáveis ao sistema. Eventualmente, o espaço do silêncio fora assoberbado por mais performances, até que não mais se perfaz compreendido a valorização temporal entre os indivíduos. Em virtude disso, também se examina o silêncio como não valorado na sociedade contemporânea, pelo medo ameaçador e não entendido da quietude. Em vista disso, o espaço até do silêncio de imagens e reproduções digitais variadas, não são sem ruídos. Ao contrário, são inquietantes por também não pertencerem ao tempo do silêncio. Da quietude para um possível descanso.

Entendemos que um ponto de observação extraordinariamente feito pelo autor, pelo estudo da falta de silêncio, também se denota da falta de descanso ótico. Pelo medo do repouso, do descanso, que pode ser um tempo de maior produção e desempenho, Han compreende a falta de descanso inclusive visual. Sendo um dos pontos comportamentais que favorecem o convite ao fenômeno corpóreo do ócio. Ele enuncia:

As imagens digitais de hoje em dia são sem silêncio e, por isso, sem música, sim, sem aroma. Também o aroma é uma forma de conclusão. As imagens inquietas não falam ou contam, mas sim, fazem barulho. Frente a essas imagens ameaçadoras, não se pode fechar os olhos. O olho fechado é o signo da conclusão (2021, p. 16).

Outrossim, uma vez que proposta a apreensão da conseqüente falta de silêncio, se toma como inevitável uma demanda indagativa das elucidações sensíveis à ecologia do indivíduo, para que se reconheçam os meios de reabilitação pós instauração do cansaço pleno na sociedade. Assim, a organicidade do ato de paralisar o ruído e contemplar o silêncio, faz, segundo o autor, uma “revolução temporal”. Ele afirma: “uma revolução temporal que traga para o tempo o seu aroma”.

Chul Han (2021), não promove catálogo de palavras expressivas, mas sim, alinha uma possibilidade influente de suavização do sofrimento, para indícios de uma aromatização de uma resposta ecológica ao cansaço. Com este entendimento, se prospera na sensatez frutífera ao contexto atual. Sendo possível esse despertar humano, o convite orgânico de uma aromatização do tempo, mediante o contemplar pelo silêncio e a concepção de equilíbrio para uma vida ecologicamente desperta, afasta a “sensação de vertigem” e adiciona a “beleza da temporalidade”. Sendo

essas sensações um “despertar da alma para a vida”. Em oferta aos caminhos de iluminação da mente, Han (2021) constata que a apreciação é de tão preciosa influência, que é capaz de “sincronizar os ritmos do tempo e suas ações”. O autor salienta que o demorar-se das coisas, o sentir do tempo, a beleza do dia, o frescor do clima e a fragrância do aroma são formas de reabilitação, de uma volta para si. O sujeito do desempenho torna-se assim, o sujeito do equilíbrio, do convite às esferas de trabalho e de descanso. Ponderamos que, assim, talvez se tenha uma pureza no mundo, onde tudo se torna espesso. Um convite ao sentido ecológico do ser, ingressa a reflexão do chamamento ao convívio saudável também das relações interpessoais. Ademais, um modo de vida saudável no ambiente vivido, provoca sintomas de sincronia, que difere dos sintomas atuais e reflete também na possibilidade de recuperação ecológica. Embora se constate uma lacuna severa na contemporaneidade, este estudo não se limita a descobrir e recuperar os lugares destas durações particulares e invulgares. Não se trata de lamentar a perda de uma era, pelo contrário, abrirá a possibilidade de uma vida que tem o seu próprio aroma, tendo a sua revitalização na vida contemplativa.

Nesta apreciação, temos na vida contemplativa, uma indispensabilidade de revitalização para fins de contornos convidativos ao equilíbrio atual, não possuindo na desaceleração o seu recurso. Mas sim, na compreensão do incentivo à contemplação e sua reanimação panorâmica de uma reabilitação ecológica. Byung versa que,

A hipercinesia cotidiana despoja a vida humana de qualquer elemento contemplativo, qualquer capacidade de demora. Pressupõe a perda do mundo e do tempo. As chamadas estratégias de desaceleração não são capazes de pôr fim à crise temporal contemporânea. Na realidade, mais não fazem do que ocultar o verdadeiro problema. É necessária uma revitalização da vida contemplativa. A crise temporal só será superada no momento em que a vida ativa, em plena crise, acolha de novo o seu interior, a vida contemplativa (Han, 2016, p. 10-11).

Frente a isso, a massa de manobra da sociedade cansada de si e do contexto, não se faz desperta apenas pelo conhecimento de superação. Formas de recapacitação possíveis, mostram o quanto o sujeito encontra-se ausente de si. Quanto mais o autor ratifica a supressão da contemplação, mais se torna severa a necessidade de composições impeditivas do absolutismo do desempenho que paira na sociedade.

Por conseguinte, a superação dos impeditivos existentes, para uma alternativa de reabilitação, necessita de integração aos espaços regenerativos, para impedir a

absolutização dos excessos na sociedade. Nesse prisma, o estado de reabilitação é fundamentalmente um processo orgânico, e, evidencia as proporções de restauração que podem estimular novos movimentos corpóreos. Fins de produzir uma energia ao sujeito, que reverberará na sociedade como um todo. Han compreende que o bem viver contemplativo se torna essencial ao convite das ações propiciadoras de reflexão na atualidade. Sendo possível, com a inclusão de novos objetos de conduta humana, uma aquisição de modelos práticos à interação de um novo ritmo ecológico, em sua autenticidade.

Com isso, o autor explana:

A maior felicidade brota do demorar-se contemplativo na beleza, antigamente chamada *theoria*. O seu sentido temporal é a duração. Ocupa-se das coisas eternas e imutáveis, que repousam em si próprias. Nem a virtude nem a sabedoria, mas só a entrega contemplativa à verdade aproxima o homem dos deuses (Han, 2016, p. 104-105).

Nesse entendimento, Han pontua o movimento evolutivo da contemplação como guia para uma reabilitação orgânica no meio ambiente social vigente. Na forma de doação de si ao tempo para si, a contemplação pode surgir de modo ao cansaço ter a sua validade reduzida. Nisso, há grande aprimoramento e um passo expressivo para a erupção necessária do sujeito frente ao esgotamento diário. Se um momento de paz revigora ao ponto de aproximar o indivíduo dos deuses, a metáfora de Byung colabora com os sentidos prováveis de uma desaceleração para um convite à uma contemplação. Assim, a ação humana conceberá um aroma renovador ao curso ecológico de um bem viver, onde o sujeito poderá contemplar a existência em sua contemplação aromática em si mesmo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade trazida por Byung-Chul Han possui uma atmosfera de excessos e decadência na falta de uma autopreservação. O sujeito transformou-se em um meio de produção pelo sistema capitalista, de modo que pensar em não produzir, o coloca numa condição de insuficiência, haja vista a ininterrupção da produtividade e sensação de liberdade pelo desenfrear positivo. Nesse aspecto, o autor já diferencia a sociedade atual da trazida por Michel Foucault, sendo a sociedade disciplinar, regada de negatividade. Chul Han considera que a sociedade atual se encontra para além da negatividade, contudo, de modo permanente de autodestruição. Sinalizam-se, pois, conjunturas, como a violência neuronal normalizada na contemporaneidade, assim como o esgotamento físico constante. O sujeito, pela perspectiva do autor, é um sujeito do cansaço por excesso de desempenho, transponível aos efeitos desse cansaço em todas as suas camadas. Visto isso, constatamos a sociedade atual afora as sociedades trazidas por outras análises pregressas, assim como certifica ser a nossa sociedade um instrumento de indispensável reflexão, pela exaustão, inclusive, do viver. Por meio de apreciação ao escopo em que a sociedade se vê carecedora de desempenho, o autor da sociedade do cansaço e de obras essenciais ao pensamento contemporâneo, propõe algumas etapas para o alcance de uma redenção ao conseguimento de uma vida contemplativa. Sendo esta, adversa à vida ativa pertinente à sociedade atual. O pensador perpassa acessos de dispositivos colaboradores de uma percepção da vida atual, tal qual de formas de convite ao sujeito para uma prática rumo ao equilíbrio. É pertinente a maneira em que o autor pretende desenvolver alguma ligação de reabilitação do indivíduo preenchido por uma vida superprodutiva à compreensão da necessidade do ócio. Consideramos, assim, fatores estimulantes ao aprofundamento humano, tais como a olfação aromática do tempo e suas peculiaridades de quietude benéficas. O encanto ao ócio para que se perceba, dentro desse novo aroma, uma forma de reciclagem de si. A indicação da vida contemplativa em equilíbrio com a vida ativa, para que o sujeito tenha a sua produção e o seu momento contemplativo em atividade, e, assim, pondere a reflexão e meditação como tratamentos ao esgotamento.

Nesse sentido, a ética em Chul Han se articula com a reflexão filosófica de que as possibilidades de liberdade são vislumbradas através de uma vida contemplativa

que ganha ritmo através do ócio. Esse ócio tem por base a necessidade do tempo para ter corpo. Logo, o caminho traçado por este pensador gera a perspectiva crucial para amparar a sociedade e suas condições de regeneração.

Assim sendo, o indivíduo passa a ter reconhecimento de si e sua situação de esgotamento, todavia, ao passo de empenhar-se na receptividade de uma vida contemplativa, na sensibilidade percebida por Chul Han, “Quando se recupera a capacidade contemplativa, a vida ganha tempo e espaço, duração e amplitude”. Tendo, assim, o indivíduo, porventura, um caráter de transformação, mediante a reabilitação prática do retorno a si. Pois, Byung não coloca um fim nos excessos com o advento reflexivo da contemplação, mas sim, um ponto de levitação para uma ecologia social orgânica.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, JEAN. **A sociedade do consumo**. São Paulo: Edições 70, 1995.
- BECK, ULRICH. **A sociedade do risco**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- TÜRCKE, CHRISTOPH. **A sociedade excitada**. São Paulo: Unicamp, 2010.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **A sociedade do controle**. São Paulo: Hedra, 2019.
- EHREMBEG, Alain. **La fatigue d'êtresoi**. Paris: Odile Jacob, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BENTHAM, JEREMY. **O panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- HEIDEGGER, M. **Sobre o humanismo**. 2. ed. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1995.
- LECLERQ, J. **As grandes linhas da filosofia moral**. São Paulo: Herder. 1967.
- HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. **O aroma do tempo**. Portugal: Relógio D'água Editores, 2016.
- HAN, Byung-Chul. **Vida contemplativa**. Espanha: Aurus, 2023.
- JUNIOR, Nilo Ribeiro. Da genealogia da moral à ética do rosto do outro. pensar o niilismo *outramente* a partir de levinas. *In*: NASCIMENTO, Ermano Rodrigues do; SOUZA, José Tadeu Batista de (org.). **Ética, valores e responsabilidades na contemporaneidade**. 2023. E-book. Disponível em:
<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/732217/4/%c3%89tica%2c%20Valores%20e%20Responsabilidades%20na%20Contemporaneidade.pdf>.
- Acesso em: 30 ago. 2023.
- MORTARI, L. **Filosofia do cuidado**. Tradução: Dilson Daldoce Junior. São Paulo: Paulus, 2018.

NASCIMENTO, Ermano Rodrigues do. Bioética e ação humana: da ética prática à atitude do cuidar para curar. *In*: VALENTIM, Inácio; CÂNDIDO, Maria Regina; FIGUEIREDO, Almir (org.). **As pontes do universo**: reflexões sobre a experiência de ensinar e de curar. 2023. E-book. Disponível em: <https://www.fundarfenix.com.br/ebook/219pontesdouniverso>. Acesso em: 1 set. 2023.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:



Figura 2:

